Cadernos
IHU ideias
JESUÍTAS BRASIL
ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)
Ano 17 • nº 286 • vol. 17 • 2019

O "velho capitalismo" e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço

Luiz Gonzaga Belluzzo

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS
UNISINOS

O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço

The “old capitalism” and its breath for the domination of time and space:

Resumo

Na entrevista a seguir, Belluzzo analisa a “ nova fase da digitalização da manufatura”, que, na visão dele, “é conduzida pelo aumento do volume de dados, ampliação do poder computacional e conectividade, a emergência de capacidades analíticas aplicada aos negócios, novas formas de interação entre homem e máquina, e melhorias na transferência de instruções digitais para o mundo físico, como a robótica avançada e impressoras 3D”. Na sua perspectiva, ter consciência dessa potência do capital pode ser um primeiro passo para a tomada de consciência da necessidade de transformação, de concepção de outros paradigmas. Segundo o autor, é “necessário intensificar o esforço no trabalho na busca do improvável equilíbrio entre a incessante multiplicação das necessidades e os meios necessários para satisfazê-las, buscar novas emoções, cultivar a angústia porque é impossível ganhar a paz”.

Palavras-chave: Capitalismo; Poder; Dominação.

Abstract

In the following interview, Belluzzo analyzes the “new phase of manufacturing digitization”, which, in his view, “is driven by increased data volume, increased computing power and connectivity, the emergence of analytical capabilities applied to business, new forms of human-machine interaction, and improvements in the transfer of digital instructions to the physical world, such as advanced robotics and 3D printers. “ In his perspective, being aware of this power of capital may be a first step towards becoming aware of the need for transformation, for the conception of other paradigms. According to the author, “it is necessary to intensify the effort in the work in search of the improbable balance between the incessant multiplication of the necessities and the means necessary to satisfy them, to look for new emotions, to cultivate the anguish because it is impossible to gain the peace”.

Keywords: Capitalism; Power; Domination.

Cadernos

IHU*ideias*

O "velho capitalismo" e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço

Luiz Gonzaga Belluzzo

Professor titular da Faculdade de Campinas- FACAMP

ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)
ano 17 • nº 286 • vol. 17 • 2019

UNISINOS

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação quinzenal impressa e digital do **Instituto Humanitas Unisinos** – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: Marcelo Fernandes de Aquino, SJ
Vice-reitor: Pedro Gilberto Gomes, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XVII – Nº 286 – V. 17 – 2019
ISSN 1679-0316 (impresso)
ISSN 2448-0304 (online)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial: MS Rafael Francisco Hiller; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Prof. MS Gilberto Antônio Faggion; Prof. Dr. Lucas Henrique da Luz; MS Marcia Rosane Junges; Profa. Dra. Marilene Maia; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Prof. Dr. Adriano Naves de Brito, Unisinos, doutor em Filosofia; Profa. Dra. Angelica Massuquetti, Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade; Profa. Dra. Berenice Corsetti, Unisinos, doutora em Educação; Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja, Unisinos, doutor em Psicologia; Prof. Dr. César Sanson, UFRN, doutor em Sociologia; Prof. Dr. Gentil Corazza, UFRGS, doutor em Economia; Profa. Dra. Suzana Kilpp, Unisinos, doutora em Comunicação.

Responsável técnico: MS Rafael Francisco Hiller

Imagem da capa: smoke-258786_960_720 (pixabay)

Revisão: Carla Bigliardi

Editoração: Gustavo Guedes Weber

Impressão: Impressos Portão

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2003)- . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .

v.

Quinzenal (durante o ano letivo).

Publicado também on-line: <http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>.

Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 11, n. 204 (2013).

ISSN 1679-0316

1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 316
1
32

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

ISSN 1679-0316 (impresso)

Solicita-se permuta/Exchange desired.
As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos IHU ideias:

Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil
Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467
Email: humanitas@unisinos.br

O "VELHO CAPITALISMO" E SEU FÔLEGO PARA DOMINAÇÃO DO TEMPO E DO ESPAÇO

Luiz Gonzaga Belluzzo
Professor titular da Faculdade de Campinas- FACAMP

Apresentação

A plasticidade do capitalismo permite que ele assuma o espírito do tempo e, com isso, vá se transmutando e se tornando senhor do tempo e do espaço. "O velho capitalismo reconciliou-se com sua natureza inquieta e criativa. Tão inquieta e criativa que rapidamente transmutou a concorrência perfeita em concorrência monopolista", observa o economista Luiz Gonzaga Belluzzo. Se antes o capitalismo era ruim, ao menos gerava recursos para o Estado, podendo se pensar um Estado de bem-estar a partir de suas bases. No entanto, agora se faz ainda mais perverso pela perspectiva individualista que assume. "Livre, leve e solto em seu peculiar dinamismo, amparado em suas engrenagens tecnológicas e financeiras, o 'Velho Cap' promoveu e promove a aceleração do tempo e o encolhimento do espaço. Esses fenômenos gêmeos podem ser observados na globalização, na financeirização e nos processos de produção da indústria 4.0", acrescenta.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**[1], Belluzzo analisa essa " nova fase da digitalização da manufatura", que, na visão dele, "é conduzida pelo aumento do volume de dados, ampliação do poder computacional e conectividade, a emergência de capacidades analíticas aplicada aos negócios, novas formas de interação entre homem e máquina, e melhorias na transferência de instruções digitais para o mundo físico, como a robótica avançada e impressoras 3D".

Na sua perspectiva, ter consciência dessa potência do capital pode ser um primeiro passo para a tomada de consciência da necessidade de transformação, de concepção de outros paradigmas. "É preciso intensificar o esforço no trabalho na busca do improvável equilíbrio entre a incessante multiplicação das necessidades e os meios necessários para satisfazê-las, buscar novas emoções, cultivar a angústia porque é impossível

1 A entrevista foi concedida ao Instituto Humanitas Unisinos- IHU. Uma síntese foi publicada na revista **IHU-On-Line**, em 10 de junho de 2019. P. 12, Edição 537. A entrevista foi realizada por João Vitor Santos.

ganhar a paz", sugere. E por isso passa, até mesmo, a concepção de outras matrizes de pensamento econômico, pois, como observa, "os fâmulos da ciência econômica se entregam à farsa pseudocientífica dos modelos engalanados por matemática de segunda classe", resignando a ciência econômica a uma racionalidade que a engessa e concebe um único caminho.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Vivemos o ápice de um liberalismo econômico no Brasil e no mundo? E quais os riscos dessa perspectiva econômica que põe o financeiro no centro da vida?

Luiz Gonzaga Belluzzo – Na assim chamada Era Dourada – entre o fim da Segunda Guerra e o início dos anos de 1970 do século passado – conviveram em harmonia o crescimento rápido, a baixa inflação, reduzidas taxas de desemprego, aumento dos salários reais e integração das massas aos padrões modernos de consumo e de convivência. Na década dos 1970, o jogo virou. Entrou em campo a funesta combinação entre inflação e baixo crescimento. O bloco ideológico que se opunha às políticas "intervencionistas" e ao Estado do Bem-Estar tratou de atribuir o desarranjo à decrepitude das políticas e das práticas que buscavam controlar a instabilidade do capitalismo e impedir que o destino dos cidadãos ficasse à mercê das incertezas do mercado. Depois de 30 anos de desempenho brilhante, as economias capitalistas emitiam sinais de fadiga estrutural. A Golden Age agonizava.

No limiar dos anos 1980, a eleição de Thatcher[2] e Reagan[3] refletiu o desconforto das classes abastadas e médias com a estagflação. As cargas

2 **Margaret Hilda Thatcher** (1925-2013): política britânica, primeira-ministra do Reino Unido de 1979 a 1990. Ao liderar o governo do Reino Unido, Thatcher estava determinada a reverter o que via como o declínio nacional de seu país. Suas políticas econômicas foram centradas na desregulamentação do setor financeiro, na flexibilização do mercado de trabalho e na privatização das empresas estatais. Sua popularidade esteve baixa em meio à recessão econômica iniciada com a Crise do petróleo de 1979. No entanto, uma rápida recuperação econômica, além da vitória britânica na Guerra das Malvinas, fizeram ressurgir o apoio necessário para sua reeleição em 1983. Devido ao fato de Thatcher ter sobrevivido a uma tentativa de assassinato em 1984, de sua dura oposição aos sindicatos e de sua forte crítica à União Soviética, foi alcunhada de "Dama de Ferro". (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Ronald Reagan** (1911-2004): ator norte-americano formado em economia e sociologia. Foi eleito governador da Califórnia em 1966, e se reelegeu em 1970 com uma margem de um milhão de votos. Conquistou a indicação à presidência pelo Partido Republicano em 1980, e os eleitores, incomodados com a inflação e com os americanos mantidos há um ano como reféns no Irã, o conduziram à Casa Branca. Antes de ocupar a presidência, passou 28 anos atuando como ator em 55 filmes que não entraram para a história, mas que lhe deram fama e popularidade. Sua carreira no cinema terminou em 1964, em "*The Killers*", único filme em que atuou como vilão. (Nota da **IHU On-Line**)

tributárias elevadas, o excesso de regulamentação e o poder dos sindicatos eram, sem dúvida, os responsáveis pelo mau desempenho das economias.

A famosa curva de Laffer[4] garantia que a sobrecarga de impostos sufocava os mais ricos e desestimulava a poupança, o que comprometia o investimento e, portanto, reduzia a oferta de empregos e a renda dos mais pobres. As práticas neocorporativistas, diziam os ideólogos do neoliberalismo, criavam sérias deformações "microeconômicas", ao promover, deliberadamente, intervenções no sistema de preços – nas taxas de câmbio, nos juros e nas tarifas. Com o objetivo de induzir a expansão de setores escolhidos ou de proteger segmentos empresariais ameaçados pela concorrência, os governos distorciam o sistema de preços e, assim, bloqueavam os mercados em sua nobre e insubstituível função de produzir informações para os agentes econômicos. Tal violação das regras de ouro dos mercados competitivos culminava na disseminação da ineficiência e na multiplicação dos grupos "predadores de renda", que se encastelavam nos espaços criados pela prodigalidade financeira do Estado.

Ainda nos anos de 1950, tempo de esplendor e glória das políticas keynesianas e do Estado do Bem-Estar, o libertarianismo de Friedrich Hayek[5] e o monetarismo de Milton Friedman[6] formaram a comissão de frente da ofensiva contra "os inimigos da liberdade econômica". Para Hayek, o mercado é um processo de troca e de acumulação de informações e não um ambiente estático dotado de forças que o reconduzem ao equilíbrio. As intervenções do Estado são nefastas, pois só o processo de mercado torna possível a inovação nos métodos de produção e de organização, a partir do continuado fluxo de informações que surge da interação entre os indivíduos livres.

O importante nesta concepção é a ênfase na capacidade do mercado, livre de empecilhos, de mobilizar e fluidificar os recursos individuais. O corpo de propostas "reformistas" rotuladas de neoliberais está, portan-

---

4 **Curva de Laffer:** é uma representação teórica da relação entre o valor arrecadado com um imposto a diferentes Alíquotas. É usada para ilustrar o conceito de "elasticidade da receita taxável". Para se construir a curva, considera-se o valor obtido com as alíquotas de 0% e 100%. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Friedrich August von Hayek** (1899-1992): foi um economista da escola austríaca. Hayek fez contribuições importantes para a psicologia, a teoria do direito, a economia e a política. Recebeu o prêmio Nobel de Economia em 1974. Em psicologia, Hayek propôs uma teoria da mente humana segundo a qual a mente é um sistema adaptativo. Em economia, Hayek defendeu os méritos da ordem espontânea. Segundo Hayek, uma economia é um sistema demasiado complexo para ser planejado e deve evoluir espontaneamente. Hayek estudou na Universidade de Viena, onde recebeu o grau de doutor em Direito e em Ciências Políticas. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Milton Friedman** (1912-2006): economista, estatístico e escritor norte-americano que lecionou na Universidade de Chicago por mais de três décadas. Recebeu o Prêmio de Ciências Econômicas em Memória de Alfred Nobel de 1976 e é conhecido por sua pesquisa sobre a análise do consumo, a teoria e história monetária, bem como por sua demonstração da complexidade da política de estabilização. (Nota da **IHU On-Line**)

to, comprometido com a ideia de que é preciso liberar as forças criativas do mercado. A renovação do capitalismo, em gestação desde o crepúsculo da era keynesiana, tinha o propósito de abrir caminho para a preeminência das relações entre indivíduos livres, dispostos aos objetivos do ganho monetário. Essa é a sociedade dos neoliberais.

Estado muda de agenda

Mas, na verdade, as reformas liberalizantes, empreendidas desde o crepúsculo dos anos 70 do século passado, trataram de mobilizar os recursos políticos e financeiros dos Estados Nacionais para fortalecer os respectivos sistemas empresariais envolvidos na concorrência global. O Estado não saiu da cena, apenas mudou de agenda. Em sua obra maior, *Civilização Material e Capitalismo*[7], o historiador Fernand Braudel[8] escreveu: "o erro mais grave (dos economistas) é sustentar que o capitalismo é um sistema econômico... Não devemos nos enganar, o Estado e o Capital são companheiros inseparáveis, ontem como hoje."

Na esteira do apoio decisivo do Estado, as corporações globais passaram a adotar padrões de governança agressivamente competitivos. Entre outros procedimentos, as empresas subordinaram seu desempenho econômico à "criação de valor" na esfera financeira, repercutindo a ampliação dos poderes dos acionistas. Aliados aos administradores, agora remunerados com bônus generosos e comprometidos com o exercício de opções de compra das ações da empresa, os acionistas exercitaram um individualismo agressivo e exigiram surtos intensos e recorrentes de reengenharia administrativa, de flexibilização das relações de trabalho e de redução de custos.

Mutações nos padrões organizacionais

As estratégias de localização da corporação globalizada introduziram importantes mutações nos padrões organizacionais: constituição de empresas-rede, com centralização das funções de decisão e de inovação e

7 São Paulo: WMF Martins Fontes, 1995. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Fernand Braudel** (1902-1985): historiador francês que foi um dos mais importantes representantes da chamada "escola dos Annales". A sua reputação decorre em parte dos seus escritos, mas principalmente de seu sucesso em fazer da escola dos Annales o mais importante motor da pesquisa histórica em França, e em grande parte do mundo, após a década de 1950. Como principal líder da escola historiográfica dos Annales nas décadas de 1950 e 1960, exerceu enorme influência na escrita da História na França e em outros países a partir de então. Braudel tem sido considerado um dos maiores dos historiadores modernos que têm enfatizado o papel dos fatores socioeconómicos em grande escala na pesquisa e escrita da História. Ele também pode ser considerado como um dos precursores da teoria dos sistemas-mundo. (Nota da **IHU On-Line**)

terceirização das operações comerciais, industriais e de serviços em geral. A individualização das relações trabalhistas promoveu a intensificação do ritmo de trabalho, conforme estudo recente da OIT e de outras instituições que lidam com o assunto. O trabalho se intensificou, sobretudo, entre os que se tornaram independentes das relações formais, os que negociam diariamente a venda de sua capacidade de trabalho nos mercados livres.

Isso aconteceu no mesmo período em que as novas formas financeiras contribuíram para aumentar o poder das grandes corporações em suas relações com os empregados e terceirizados. As fusões e aquisições suscitaram um maior controle dos mercados e promoveram campanhas contra os direitos sociais e econômicos, considerados um obstáculo à operação das leis de concorrência. A abertura dos mercados e o acirramento da concorrência coexistiram com a tendência ao monopólio e, assim, impediram que os cidadãos, no exercício da política democrática, exercitassem o direito de decidir sobre a própria vida.

Os neorreformistas, na realidade, cuidaram de transferir os riscos para os indivíduos dispersos, ao mesmo tempo em que buscaram o Estado e sua força coletiva para limitar as perdas provocadas pelos episódios de desvalorização da riqueza. A intensificação da concorrência entre as empresas no espaço global não só acelerou o processo de financeirização e concentração da riqueza e da renda como submeteu os cidadãos às angústias da insegurança.

Na era do capitalismo "turbinado" e financeirizado, os frutos do crescimento se concentraram nas mãos dos detentores de carteiras de títulos que representam direitos à apropriação da renda e da riqueza. Para os demais, perduram a ameaça do desemprego, a crescente insegurança e precariedade das novas ocupações, a exclusão social.

IHU On-Line – Como conceber uma outra economia, descentrada do mundo do mercado financeiro e que leve em conta as necessidades humanas e a preservação do planeta?

Luiz Gonzaga Belluzzo – Para começo de conversa, digo que as questões suscitadas nas origens da vida moderna ainda não obtiveram resposta. Nos tempos de prosperidade, elas hibernam e ai dos que ousam despertá-las. Mas no fragor das crises elas voltam a assombrar o mundo dos vivos. Nesses tempos, a incômoda pergunta não quer calar: em que momento homens e mulheres – sob o manto da liberdade e de igualdade – vão desfrutar da abundância e dos confortos que o capitalismo oferece em seu desatinado desenvolvimento?

O capitalismo da grande indústria, da finança e da construção do espaço global, entre crises e recuperações, exercitou os poderes de transformar e dominar a natureza – até mesmo de reinventá-la – suscitan-

do desejos, ambições e esperanças. A versão panglossiana desses prodígios nos ensina que a admirável inclinação para revolucionar as forças produtivas há de aproximar homens e mulheres do momento em que as penas do trabalho subjugado pelo mando de outrem seriam substituídas pelas delícias e liberdades do ócio com dignidade.

Para muitos, estaria prestes a se realizar a utopia de trabalhar menos para viver mais. Os avanços da microeletrônica, da informática, da automação dos processos industriais já permitem vislumbrar, dizem os otimistas, a libertação das fadigas que padecemos em nome de uma ética do trabalho que só engorda os cabedais dos que nos dominam. Alguns cidadãos já podem trabalhar em casa, longe dos constrangimentos da hierarquia da grande empresa e assim escolher à vontade entre o tempo livre e as fadigas do labor.

Esses enredos foram contados nos bons tempos da globalização e das bolhas financeiras e de consumo: a economia da inovação e da inteligência estaria prestes a substituir a economia da fábrica, dos ruídos atormentadores e dos gases tóxicos. As transformações tecnológicas e suas consequências sociais ensejariam a proeza de realizar o projeto da autonomia do indivíduo, aquele inscrito nos pórticos da modernidade. A autonomia do indivíduo significa a sua autorrealização dentro das regras das liberdades republicanas e do respeito ao outro. O projeto da autonomia do sujeito é uma crítica permanente e inescapável da submissão aos poderes – públicos e privados – que o cidadão não controla. Até mesmo os críticos mais impiedosos reconhecem que a economia capitalista engendrou formas de sociabilidade que descortinaram a possibilidade de libertar a vida humana e suas necessidades das limitações impostas pela natureza e pela submissão pessoal. A indústria moderna, essa formidável máquina de eliminação da escassez, oferece aos homens e mulheres a "realidade possível" da satisfação dos carecimentos e da libertação de todas as opressões pelo outro.

Da realização pessoal a estruturas técnico-econômicas

Mas qual é a realidade que se esconde sob os pretextos dessa fantasia? Na marcha de sua realidade real, o capitalismo incitou os anseios de realização pessoal, mas também fez emergir estruturas técnico-econômicas e formas de dependência que agem sobre o destino dos protagonistas da vida social como forças naturais que frequentemente destroem a natureza, colocando em sério risco a sobrevivência humana.

Em *Eros e Civilização*[9], Marcuse[10] falou da mútua e estranha fecundação entre liberdade e dominação na sociedade contemporânea. Para ele, a produção e o consumo reproduzem e justificam a dominação. Mas isso não altera o fato de que seus benefícios são reais: amplia as perspectivas da cultura material, facilita a obtenção das necessidades da vida, torna o conforto e o luxo mais baratos, atrai áreas cada vez mais vastas para a órbita da indústria. Mas, ao mesmo tempo, o indivíduo paga com o sacrifício de seu tempo, de sua consciência e de seus sonhos nunca realizados. A concorrência generalizada se impõe aos indivíduos como uma força externa, irresistível. Por isso é preciso intensificar o esforço no trabalho na busca do improvável equilíbrio entre a incessante multiplicação das necessidades e os meios necessários para satisfazê-las, buscar novas emoções, cultivar a angústia porque é impossível ganhar a paz.

IHU On-Line – Que perspectivas e vertentes teóricas podem nos inspirar a pensar uma outra economia?

Luiz Gonzaga Belluzzo – Na Inglaterra, Jeremy Corbyn[11] ganhou a liderança do Partido Trabalhista. Em sua campanha, ele ofereceu ao partido um programa econômico que causou urticária não somente nos conservadores, mas também na turma do Novo Trabalhismo de Tony Blair[12].

Corbyn criticou duramente a austeridade expansionista: "A Inglaterra clama por um programa de investimento público em novas moradias, ferrovias, energia e infraestrutura digital e, por isso, sugerimos os meios para que isso aconteça. Uma das opções, conhecida como a Facilitação

9 São Paulo: LTC, 1982. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Herbert Marcuse** (1898-1979): sociólogo alemão naturalizado estadunidense, membro da Escola de Frankfurt. Estudou Filosofia em Berlim e Freiburg, onde conheceu os filósofos e professores Husserl e Heidegger e se doutorou com a tese *Romance de artista*. Algumas de suas obras: *Razão e Revolução*, *Eros e Civilização*, *O Homem Unidimensional*. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Jeremy Bernard Corbyn** (1949): é um político britânico, atual líder do Partido Trabalhista e líder da oposição na Câmara dos Comuns. É deputado pelo círculo de Islington North desde 1983 e foi eleito líder dos trabalhistas em setembro de 2015. (Nota da **IHU On-Line**)

12 **Tony Blair** (1953): Anthony Charles Lynton "Tony" Blair é um político britânico, tendo ocupado o cargo de primeiro-ministro do Reino Unido de 2 de maio de 1997 a 27 de junho de 2007, e foi líder do Partido Trabalhista de 1994 a 2007 e de membro do Parlamento Britânico de 1983 a 2007. Depois de deixar o cargo de primeiro-ministro, Blair foi indicado para a posição de enviado no Oriente Médio da Organização das Nações Unidas - ONU, da União Europeia, dos Estados Unidos e da Rússia. (Nota da **IHU On-Line**)

Quantitativa do Povo, foi prontamente acolhida por Sir Robert Skidelsky[13], Ann Pettifor[14] e outros renomados economistas". O programa foi apoiado por 41 economistas de prestígio, entre eles o ex-membro do Comitê de Política Monetária do Banco da Inglaterra, David Blanchflower[15], além de Mariana Mazzucato[16], Steve Keen[17] e Victoria Chick[18].

Os economistas assinaram um manifesto em defesa do programa, acusado pela mídia de extremista de esquerda. Retrucam os signatários: "A despeito do fogo de barragem disparado pela cobertura da mídia, extremistas são as políticas e objetivos da política econômica atual. Já falhou no último mandato a tentativa de produzir um reequilíbrio orçamentário mediante cortes nos gastos. É injustificável o aumento da pobreza infantil e a redução do apoio aos mais vulneráveis. Cortar o investimento público em nome da prudência é errado porque afeta negativamente o crescimento, a inovação e o aumento da produtividade, além de elevar a dívida do governo, por causa da queda das receitas fiscais".

---

13 **Robert Jacob Alexander, Baron Skidelsky** (1939): historiador econômico britânico. Ele é autor de uma biografia premiada em três volumes do economista britânico John Maynard Keynes (1883-1946). Skidelsky atuou no Jesus College, Oxford e é professor emérito de economia política na Universidade de Warwick, na Inglaterra. (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Ann Pettifor**: analista do sistema financeiro global baseada no Reino Unido, diretora do Policy Research in Macroeconomics (PRIME), uma rede de economistas preocupados com a teoria e políticas monetárias keynesianas; pesquisadora honorária no Centro de Pesquisa em Economia Política da City University, em Londres (CITYPERC) e membro da New Economics Foundation, em Londres. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **David Graham Blanchflower** (1952): economista e acadêmico trabalhista britânico-americano. Atualmente é professor titular de economia no Dartmouth College, em Hanover, New Hampshire. Ele também é pesquisador associado no National Bureau of Economic Research, professor em tempo parcial na Universidade de Stirling, pesquisador do Centro de Estudos Econômicos da Universidade de Munique e (desde 1999) no Instituto para o Estudo do Trabalho (IZA) na Universidade de Bonn e editor colaborador da Bloomberg TV. Ele foi membro externo do Comitê de Política Monetária (MPC) do Bank of England, de junho de 2006 a junho de 2009. (Nota da **IHU On-Line**)

16 **Mariana Mazzucato** (1968): economista italiana. É professora da cátedra RM Phillips de Ciência e Tecnologia da Universidade de Sussex. (Nota da **IHU On-Line**)

17 **Steve Keen** (1953): economista e escritor australiano. Ele se considera um pós-keynesiano, criticando a economia neoclássica como incoerente, não científica e empiricamente sem apoio. As principais influências no pensamento de Keen sobre economia incluem John Maynard Keynes, Karl Marx, Hyman Minsky, Piero Sraffa, Augusto Graziani, Joseph Alois Schumpeter, Thorstein Veblen e François Quesnay. (Nota da **IHU On-Line**)

18 **Victoria Chick** (nascida em 1936): economista pós-keynesiana que é mais conhecida por suas contribuições para a compreensão da Teoria Geral de Keynes e pelo estabelecimento da economia pós-keynesiana no Reino Unido e em outros lugares. (Nota da **IHU On-Line**)

Corbyn defende duas medidas azedas para o paladar conservador:
1. A reestatização das empresas de utilidade pública e das ferrovias privatizadas nos governos conservadores de Thatcher & Cia. e nas administrações do Novo Trabalhismo de Tony Blair.
2. A criação de um banco nacional de desenvolvimento incumbido de financiar a reconstrução da infraestrutura degradada e apoiar a reindustrialização da Velha Albion, hoje um pigmeu manufatureiro.

Estado do Bem-Estar britânico

Corbyn não esconde: seu programa econômico é descendente da experiência trabalhista do pós-Guerra. Na primeira eleição realizada depois de 1945, o conservador Winston Churchill[19] foi derrotado pelo trabalhista Clement Attlee[20]. Acompanhado por Aneurin Bevan[21], seu ministro da Saúde, pai do National Health Service[22], Attlee desenhou a arquitetura do Esta-

19 **Winston Leonard Spencer-Churchill** (1874-1965): foi um político conservador e estadista britânico, famoso principalmente por sua atuação como primeiro-ministro do Reino Unido durante a Segunda Guerra Mundial. Ele foi primeiro-ministro britânico por duas vezes (1940-45 e 1951-55). Orador e estadista notável, ele também foi oficial no Exército Britânico, historiador, escritor e artista. Ele é o único primeiro-ministro britânico a ter recebido o Prêmio Nobel de Literatura e a cidadania honorária dos Estados Unidos. (Nota da **IHU On-Line**)

20 **Clement Richard Attlee** (1883-1967): foi político inglês e primeiro-ministro do Reino Unido entre os anos de 1945 e 1951. Sucedeu a Winston Churchill como primeiro-ministro após a derrota dos conservadores para o Partido Trabalhista nas eleições de maio de 1945. Ao longo da guerra, Attlee provaria ser um aliado leal de Churchill, apesar de pertencerem a partidos rivais. Enquanto Churchill se notabilizou pela condução da Inglaterra durante a II Guerra, coube a Attlee levar um Estado falido pelo esforço de guerra à prosperidade econômica. Foi o grande construtor do Estado Britânico após o conflito, ao instituir as bases do Estado do bem-estar social no Reino Unido. Foi o responsável pela criação do Serviço Nacional de Saúde e pela nacionalização de minas de carvão e estradas e ferro. (Nota da **IHU On-Line**)

21 **Aneurin Bevan** (1897-1960): foi um político britânico que, ainda jovem, ingressou no Partido do Trabalho de Gales vindo a ser eleito à Câmara dos Comuns em 1929. Bevan superou um problema de fala para se converter em um respeitado orador. Como ministro da Saúde do governo de Clement Attlee (1945–1951), "Nye" Bevan (outra forma pela qual foi conhecido) estabeleceu o Serviço Nacional de Saúde. Também foi ministro do Trabalho (1951), mas renunciou em protesto contra os gastos de rearmamento que reduziram a arrecadação para programas sociais. Considerado uma figura controversa dentro do Partido do Trabalho, presidiu sua própria corrente de pensamento, o Bevanismo, e foi líder do partido até 1955. (Nota da **IHU On-Line**)

22 **Serviço Nacional de Saúde** (em inglês: National Health Service - NHS): é o nome habitualmente utilizado para referir-se aos quatro sistemas públicos de saúde do Reino Unido coletiva ou individualmente, embora atualmente, em geral, seja apenas ao serviço de saúde da Inglaterra que é corretamente chamado de Serviço Nacional de Saúde, sem qualquer outra qualificação. Três serviços (Inglaterra e País de Gales, Escócia e Irlanda do Norte) foram criados por legislações separadas e começaram a funcionar em 5 de julho de 1948; anteriormente a essa data, serviços públicos de saúde mais limitados eram operados por autoridades locais e por outros organismos. (Nota da **IHU On-Line**)

do do Bem-Estar britânico, inspirado no relatório preparado pelo liberal William Beveridge[23] e por John Maynard Keynes[24], também liberal.

Em 1942, na Inglaterra ainda maltratada pela guerra, pelo racionamento e pela debilidade econômica, o liberal Sir William Beveridge, em seu lendário Relatório, fincou as estacas que iriam sustentar as políticas do Estado do Bem-Estar. O Relatório Beveridge recebeu a colaboração das concepções da Teoria Geral do Juro, do Emprego e da Moeda – obra magna do liberal, porém iconoclasta, John Maynard Keynes.

O liberal Beveridge apontou os "Demônios gigantes da vida moderna" que os governos estavam obrigados a enfrentar: carência, doença, ignorância, miséria e inatividade. Em seu Relatório, Beveridge proclamou que a ignorância é uma erva daninha que os ditadores cultivam entre seus seguidores, mas que a democracia não pode tolerar entre seus cidadãos.

Socialização do investimento

As políticas econômicas da Teoria Geral estão ancoradas profundamente nas convicções de Keynes a respeito da instabilidade intrínseca do capitalismo. Maynard chamou de "oportunistas e danosas" as políticas fiscais e monetárias de curto prazo, "formas grosseiras" de enfrentar as flutuações do investimento e seus efeitos sobre a renda e o emprego.

Keynes advogou a "socialização do investimento", entendida como a coordenação pelo Estado das relações entre o investimento público e privado. Ela envolve não somente a definição de um "orçamento de capital" de longo prazo, mas a ação das empresas semipúblicas. Tanto o orçamento de capital quanto as empresas deveriam ser administradas e avaliadas por comitês público-privados.

---

23 **Lord William Henry Beveridge** (1879-1963): autor do famoso Beveridge Report, oficialmente chamado Social Insurance and Allied Service Report de 1942, que foi a base da legislação da reforma social do governo trabalhista inglês de 1945-1951, advogando o pleno emprego. Assim que, em 1944, publicou o livro *The Economics of Full Employment*. É autor também do Voluntary Action de 1948, defendendo o papel do setor privado na provisão do estado de bem-estar social. Ele foi muito influenciado pelos socialistas fabianos. (Nota do **IHU On-Line**)

24 **John Maynard Keynes** (1883-1946): economista e financista britânico. Sua *Teoria geral do emprego, do juro e do dinheiro* (1936) é uma das obras mais importantes da economia. Esse livro transformou a teoria e a política econômicas, e ainda hoje serve de base à política econômica da maioria dos países não comunistas. Confira o **Cadernos IHU ideias** n. 37, *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes*, de Fernando Ferrari Filho, disponível em http://bit.ly/ihuid37. Leia, também, a edição 276 da revista **IHU On-Line**, de 6-10-2008, intitulada *A crise financeira internacional. O retorno de Keynes,* disponível para download em http://bit.ly/ihuon276. (Nota da **IHU On-Line**)

As políticas de longo prazo preconizadas por Keynes jamais foram executadas, sequer compreendidas por quem se autoproclama keynesiano. Não vale a pena comentar os que se julgam antikeynesianos.

IHU On-Line – O papa Francisco tem insistido na necessidade de se conceber "uma economia que não mate" e, agora, chama economistas para juntos pensarem em alternativas. Como o senhor compreende esse desafio proposto? Como compreender as questões de fundo por trás dessas assertivas de Bergoglio?

Luiz Gonzaga Belluzzo – Em 2015, durante uma audiência no Vaticano, o papa Francisco disse que "o dinheiro é esterco do diabo", acrescentando que, quando o capital se torna um ídolo, ele "comanda as escolhas do homem". O documento *Oeconomicae et pecuniariae quaestiones*[25] elaborado pela Congregação para a Doutrina da Fé[26], contém «considerações para um discernimento ético acerca de alguns aspectos do atual sistema econômico-financeiro». Aprovado pelo papa Francisco, que ordenou a sua publicação, o documento foi apresentado na Sala de Imprensa pelo arcebispo Luis Francisco Ladaria Ferrer[27] e pelo cardeal Peter Kodwo Appiah Turkson[28].

25 **Oeconomicae et pecuniariae quaestiones**: documento do Vaticano elabora pela Congregação para a Doutrina da Fé e pelo Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral e publicado em maio 2018, durante o pontificado de Francisco. Trata de questões econômicas e financeiras de forma crítica. Acesse a íntegra do documento em português em http://bit.ly/2kzna0V. O IHU, na seção Notícias do Dia, em seu sítio, publicou diversas análises sobre o texto. Entre elas *Documento vaticano sobre economia é uma acusação séria e intelectualmente grave*, disponível em http://bit.ly/2Jitw2w. Leia mais em ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias. (Nota da **IHU On-Line**)

26 **Congregação para a Doutrina da Fé:** a mais antiga das nove congregações da Cúria Romana, um dos órgãos do Vaticano. Fundada pelo papa Paulo III, em 21 de julho de 1542, com o objetivo de defender a Igreja da heresia. É historicamente relacionada com a Inquisição. Até 1908, era denominada como Sacra Congregação da Inquisição Universal quando passou a se chamar Santo Ofício. Em 1967, uma nova reforma, durante o pontificado de Paulo VI, mudou para o nome atual. (Nota da **IHU On-Line**)

27 **Luis Francisco Ladaria Ferrer** (1944): teólogo jesuíta espanhol, professor da Universidade Gregoriana de Roma e nomeado pelo papa Bento XVI secretário da Congregação para a Doutrina da Fé. Foi sagrado arcebispo em 26 de julho de 2008. De sua obra, em português, citamos *O Deus Vivo e Verdadeiro: o Mistério da Trindade* (São Paulo: Loyola, 2005). Em 2017, foi designado pelo papa Francisco como prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (Nota da **IHU On-Line**)

28 **Peter Kodwo Appiah Turkson** (1948): é um cardeal católico ganês e presidente do Pontifício Conselho Justiça e Paz no Vaticano. Foi criado cardeal, pelo papa João Paulo II no consistório do dia 21 de outubro de 2003 com o título de San Libório, tornando-se o primeiro cardeal ganês da história de seu país. (Nota da **IHU On-Line**)

Já na introdução, o texto revela seu propósito de avaliar a supremacia dos mercados financeiros e suas consequências sobre a vida de homens e mulheres que habitam o mundo dos vivos. “A recente crise financeira poderia ter sido uma ocasião para desenvolver uma nova economia mais atenta aos princípios éticos e para uma nova regulamentação da atividade financeira, neutralizando os aspectos predatórios e especulativos, e valorizando o serviço à economia real. Embora muitos esforços positivos tenham sido realizados em vários níveis, sendo os mesmos reconhecidos e apreciados, não consta, porém, uma reação que tenha levado a repensar aqueles critérios obsoletos que continuam a governar o mundo. Antes, parece às vezes retornar ao auge um egoísmo míope e limitado a curto prazo que, prescindindo do bem comum, exclui dos seus horizontes a preocupação não só de criar, mas também de distribuir a riqueza e de eliminar as desigualdades, hoje tão evidentes. Está em jogo o autêntico bem-estar da maior parte dos homens e das mulheres do nosso planeta, os quais correm o risco de serem confinados de maneira crescente sempre mais às margens, se não de serem «excluídos e descartados» do progresso... se queremos o bem real para os homens, o dinheiro deve servir e não governar!”

Destruição de realidades

A nova economia comandada pela finança excita as esperanças e destrói as realidades. As novas formas financeiras contribuíram para aumentar o poder das corporações internacionalizadas sobre grandes massas de trabalhadores, permitindo a “arbitragem” entre as regiões e nivelando por baixo a taxa de salários. As fusões e aquisições acompanharam o deslocamento das empresas que operam em múltiplos mercados. Esse movimento não só garantiu um maior controle dos mercados, mas também ampliou o fosso entre o desempenho dos sistemas empresariais “globalizados” e as economias territoriais submetidas a regras jurídico-políticas do Estados Nacionais. A abertura dos mercados e o acirramento da concorrência coexistem com a tendência ao monopólio e debilitam a força dos sindicatos e dos trabalhadores “autônomos”, fazendo periclitar a sobrevivência dos direitos sociais e econômicos, considerados um obstáculo à operação das leis de concorrência.

A liberalização da finança e a dominância do rentismo também produziram efeitos negativos nas finanças públicas. Primeiro, estimularam a multiplicação dos paraísos fiscais. A fuga sistemática das

obrigações fiscais foi acompanhada da crescente regressividade dos sistemas de tributação. A predominância dos impostos indiretos conferiu maior sensibilidade das receitas fiscais às flutuações da economia. Os sistemas fiscais tornaram-se desagradavelmente pró-cíclicos: quando a economia desacelera, os pobres aprisionados em seus territórios consomem pouco e pagam menos impostos. Enquanto isso, os enriquecidos globalizados aceleram as remessas para os paraísos fiscais.

Revolução tecnológica e financeirização

No livro *Phenomenology of The End*[29], Franco Bifo Berardi[30] cuida das relações entre a novíssima revolução tecnológica e financeirização: "Em suas etapas mais recentes, a produção capitalista reduziu a importância da transformação física da matéria e a manufatura física de bens industriais, ao propiciar a acumulação de capital mediante a combinação entre as tecnologias de informação e a manipulação das abstrações da riqueza financeira. A informática e a manipulação da abstração financeira na esfera da produção capitalista tornam a visibilidade física dos valores de uso (bens materiais) apenas uma introdução na sagrada esfera abstrata do valor de troca".

Cristianismo

Em 2013, o papa Francisco ofereceu aos católicos e cristãos a Primeira Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*[31]. Assim como as

29 Semiotexte, 2015. (Nota da **IHU On-Line**)

30 **Franco Berardi** (1949): mais conhecido por Bifo, é um filósofo, escritor e agitador cultural italiano. Oriundo do movimento operaísta, foi professor secundário em Bolonha e sempre se interessou sobre a relação entre o movimento social anticapitalista e a comunicação independente. (Nota da **IHU On-Line**)

31 **Evangelii gaudium:** A exortação apostólica Evangelii Gaudium, publicada no dia 24 de novembro de 2013, é o documento que orienta o programa do pontificado do papa Francisco. O tema principal é o anúncio missionário do Evangelho e sua relação com a alegria cristã. Fala também sobre a paz, a homilética, a justiça social, a família, o respeito pela criação (ecologia), o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, e o papel das mulheres na Igreja. Também critica o consumo da sociedade capitalista, e insiste que os principais destinatários da mensagem cristã são os pobres. Acusa também o atual sistema econômico de ser injusto, baseado na tirania do mercado, a especulação financeira, a corrupção generalizada e a evasão fiscal. Evangelii Gaudium. A alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual é publicada, no Brasil, pelas Editoras Paulus e Loyola (São Paulo: 2013). (Nota da **IHU On-Line**)

encíclicas *Rerum Novarum*[32] de Leão XIII[33], *Mater et Magistra*[34] e *Pacem in Terris*[35] de João XXIII[36], a exortação apostólica de Francisco abordava as vicissitudes e alegrias da vida cristã no mundo contemporâneo.

Os olhares do nosso tempo perderam de vista a ideia de comunidade cristã, expressão tantas vezes repetida no texto do Papa e incrustrada nas origens do cristianismo. Jacques Le Goff[37] diz com razão que no cristianismo primitivo e no judaísmo a eternidade não irrompia no tempo (abstrato) para "vencê-lo". A eternidade não é a "ausência do tempo", mas a dilatação do tempo ao infinito.

Depois da encarnação, o tempo adquire uma dimensão histórica. Cristo trouxe a certeza da eventualidade da salvação, mas cabe à história coletiva

32 **Rerum Novarum**: primeira encíclica pontifícia que aborda os problemas sociais, publicada no dia 15 de maio de 1891 pelo papa Leão XIII. O título pode ser traduzido por "Das coisas novas". O subtítulo da encíclica é: "Sobre a condição de vida dos operários". (Nota da **IHU On-Line**)

33 **Papa Leão XIII** (1810-1903): nascido Vincenzo Gioacchino Raffaele Luigi Pecci-Prosperi -Buzzi, foi papa de 20 de fevereiro de 1878 até a data de sua morte. Foi ordenado sacerdote da Igreja Católica em 31 de dezembro de 1837, em 18 de janeiro de 1843 foi indicado Núncio Apostólico para a Bélgica e ordenado bispo titular de Tamiathis em 19 de fevereiro de 1843. Em 27 de julho de 1846 tomou posse como Arcebispo de Perugia, Itália, e em 19 de dezembro de 1853 foi criado cardeal com o título de Cardeal-presbítero de São Crisógono. Foi eleito papa em 20 de fevereiro de 1878 e coroado em 3 de março do mesmo ano. Em 1924 seus restos mortais foram transferidos para a Basílica de São João de Latrão. (Nota da **IHU On-Line**)

34 **Mater et Magistra** (em português: Mãe e Mestra): é uma carta encíclica do Papa João XXIII "sobre a recente evolução da Questão Social à luz da Doutrina Cristã". Foi publicada em 15 de maio de 1961, no septuagésimo aniversário da encíclica Rerum Novarum e no terceiro ano do pontificado de João XXIII . Esta encíclica é considerada um marco importante da Doutrina Social da Igreja, porque, através de uma profunda leitura dos novos "«sinais dos tempos»", atualizou as orientações das encíclicas sociais anteriores (a partir da Rerum Novarum de Leão XIII), dando assim a resposta católica para os problemas temporais da época. (Nota da **IHU On-Line**)

35 ***Pacem in terris***: Carta encíclica do Papa João XXIII a todos os homens e mulheres de boa vontade, com uma mensagem de esperança. A Pacem in Terris enuncia quatro critérios para uma sociedade em paz: verdade, justiça, amor e liberdade. Trata-se de quatro valores tão essenciais que constituem não somente os sinais que nos permitem reconhecer uma sociedade realizada, mas também os quatro princípios que sustêm o edifício da paz. A revista **IHU On-Line** já abordou esse tema na edição número 53, datada de 31 de março de 2003, com o título *40 anos depois: Pacem in terris*. (Nota da **IHU On-Line**)

36 **Papa João XXIII** (1881-1963): nascido Angelo Giuseppe Roncalli. Foi papa de 28-10-1958 até a data da sua morte. Considerado um papa de transição, depois do longo pontificado de Pio XII, convocou o Concílio Vaticano II. Conhecido como o "Papa Bom", João XXIII foi canonizado em 2013 pelo papa Francisco. (Nota da **IHU On-Line**)

37 **Jacques Le Goff** (1924): medievalista francês, formado em história e membro da Escola dos Annales. Presidente, de 1972 a 1977, da VI Seção da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), foi diretor de pesquisa no grupo de antropologia histórica do Ocidente medieval dessa mesma instituição. Entre outras altas distinções, Le Goff recebeu a medalha de ouro do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), pela primeira vez atribuída a um historiador. (Nota da **IHU On-Line**)

e individual realizar essa possibilidade oferecida aos homens pelo sacrifício da cruz e pela ressurreição. "Não nos é pedido que sejamos imaculados, mas que não cessamos de melhorar, vivamos o desejo profundo de progredir no caminho do Evangelho, e não deixemos cair os braços".

O cristianismo – o mistério libertador da Encarnação – foi um divisor de águas na história da humanidade, um movimento revolucionário, nascido das crueldades e das sabedorias do mundo greco-romano. Em uma entrevista sobre seu filme *Satyricon*[38], Fellini[39] desvelou a alma que se escondia no rosto de seus personagens no crepúsculo do império romano. As máscaras se debatiam entre o tédio das concupiscências e as angústias da desesperança. Para o grande Federico, o filme escancarava "a nostalgia do Cristo que ainda não havia chegado".

Tal como nos personagens do *Satyricon*, percebo nos católicos de hoje a nostalgia do Cristo que não voltou. Mas, creia-me o leitor, ele já esteve entre nós encarnado na simplicidade e na sabedoria camponesa de João XXIII e parece ter retornado no reformismo de Francisco.

IHU On-Line – Quais os desafios para compreender o capitalismo de nosso tempo? E de que forma as transformações pelas quais tem passado, visando a sua adaptação para que supere crises, pode nos inspirar a concepção de saídas de um sistema econômico que destrói o planeta, aumenta as desigualdades e exclui?

Luiz Gonzaga Belluzzo – *What is Wrong with Capitalism?*[40], indagam os editores do Project Syndicate[41], site onde desfilam figuras do andar de cima da opinião econômica. Entre os escalados para desvendar os

38 **Satyricon**: é um filme italiano de 1969 dirigido por Federico Fellini, baseado no livro homônimo escrito pelo autor romano Petrônio no século I. É uma livre adaptação com pitadas surrealistas e um tom lisérgico e psicodélico bem a época em que o filme foi produzido, tem uma construção truncada, uma vez que a peça da qual foi inspirada foi descoberta em fragmentos, o que lhe rende uma atmosfera onírica, como de um sonho descontínuo. (Nota da **IHU On-Line**)

39 **Federico Fellini** (1920-1993): um dos mais importantes cineastas italianos. Ficou eternizado pela poesia de seus filmes, que, mesmo quando faziam sérias críticas à sociedade, não deixavam a magia do cinema desaparecer. Geralmente fazia críticas ao totalitarismo, marxismo e à Igreja. Uma de suas obras mais conhecidas é *La dolce vitta*. (Nota da **IHU On-Line**)

40 "O que está errado com o capitalismo?", em tradução livre. (Nota da **IHU On-Line**)

41 **Project Syndicate:** é uma organização internacional de mídia que publica e distribui comentários e análises sobre diversos tópicos globais importantes. Todos os artigos de opinião são publicados no site do Project Syndicate, mas também são distribuídos para uma ampla rede de publicações de parceiros para impressão. A partir de 2016, possui uma rede de 459 meios de comunicação em 155 países. (Nota da **IHU On-Line**)

enigmas do capitalismo "errado" estão, entre outros, Joseph Stiglitz[42], Mariana Mazzucato[43], Yanis Varoufakis[44] e Raghuran Rajan[45].

Diante de turma tão ilustre e respeitável, sinto algum constrangimento em divergir, senão das respostas, muitas instigantes, mas, sim, da pergunta: O que está errado com o Capitalismo?

Ao responder que não há nada errado, assumo um risco nada desprezível. Essa foi a sensação que me perseguiu durante e após a leitura do best-seller *The Myth of Capitalism*[46] de Jonathan Tepper[47]. O autor encara a morte da concorrência perfeita como o epitáfio do verdadeiro (sic) capitalismo.

Em minha modesta opinião, depois de libertado das disciplinas e amarras sociais que o domesticaram nos Trinta Anos Gloriosos do imediato pós-guerra, o velho capitalismo reconciliou-se com sua natureza inquieta e criativa. Tão inquieta e criativa que rapidamente transmutou a concorrência perfeita em concorrência monopolista. Livre, leve e solto em seu peculiar dinamismo, amparado em suas engrenagens tecnológicas e financeiras, o Velho Cap promoveu e promove a aceleração do tempo e o encolhimento do espaço. Esses fenômenos gêmeos podem ser observados na globalização, na financeirização e nos processos de produção da indústria 4.0.

42 **Joseph Stiglitz:** ex-vice-presidente do Banco Mundial - Bird, foi chefe dos economistas no governo Clinton, Estados Unidos, e prêmio Nobel de Economia 2001. Ele é autor, entre outros, dos seguintes livros, traduzidos para o português: *A globalização e seus malefícios* (São Paulo: Futura, 2003) e *Os Exuberantes anos 90* (São Paulo: Companhia das Letras, 2003). (Nota da **IHU On-Line**)

43 **Mariana Mazzucato** (1968): economista italiana. É professora da cátedra RM Phillips de Ciência e Tecnologia da Universidade de Sussex. (Nota da **IHU On-Line**)

44 **Yanis Varoufakis** (Atenas, 1961): economista, blogger e político grego membro do partido Syriza. É o atual ministro das Finanças do Governo Tsipras desde 2015 e um acérrimo opositor da austeridade. (Nota da **IHU On-Line**)

45 **Raghuram Govind Rajan** (1963): economista indiano e acadêmico internacional. Foi o 23º governador do Reserve Bank of India entre setembro de 2013 e setembro de 2016. Entre 2003 e 2006, Rajan foi economista-chefe e diretor de pesquisa do Fundo Monetário Internacional. Em 2015, durante seu mandato no Banco da Reserva da Índia, ele também se tornou vice-presidente do Banco de Compensações Internacionais. (Nota da **IHU On-Line**)

46 John Wiley & Sons, 2018. (Nota da **IHU On-Line**)

47 **Jonathan Tepper**: um dos fundadores da Variant Perception, grupo de pesquisa macroeconômica que atende gerentes de ativos. Em parceria com Turi Munthe, fundou o Demotix, um site de jornalismo cidadão e agência de fotografia que recebeu fotografias de jornalistas freelancers e amadores e os divulgou para a grande mídia. Também trabalhou como analista de ações na SAC Capital e como vice-presidente de negociação proprietária no Bank of America. (Nota da **IHU On-Line**)

A nova fase da digitalização da manufatura é conduzida pelo aumento do volume de dados, ampliação do poder computacional e conectividade, a emergência de capacidades analíticas aplicada aos negócios, novas formas de interação entre homem e máquina, e melhorias na transferência de instruções digitais para o mundo físico, como a robótica avançada e impressoras 3D.

Novas bases técnicas do capitalismo

É intenso o movimento de automação baseado na utilização de redes de "máquinas inteligentes". Nanotecnologia, neurociência, biotecnologia, novas formas de energia e novos materiais formam o bloco de inovações com enorme potencial de revolucionar outra vez as bases técnicas do capitalismo. Todos os métodos que nascem dessa base técnica não podem senão confirmar sua razão interna: são métodos de produção destinados a acelerar a produtividade social do trabalho e intensificar a rivalidade empresarial na busca da ocupação dos mercados.

Os avanços da inteligência artificial, da internet das coisas e da nanotecnologia, das novidades do 5G, se associaram ao deslocamento espacial da grande empresa e acentuaram as assimetrias entre países, classes sociais e empresas. A globalização financeira e a deslocalização produtiva são filhos diletos da estratégia competitiva da grande empresa comandada pela fúria inovadora e concentradora dos mercados financeiros, em prejuízo da capacidade de regulação dos Estados Nacionais. Os movimentos competitivos das empresas financeirizadas que impulsionam as cadeias globais de valor executam a abstração da vida, fragilizando os espaços jurídico-políticos nacionais onde se abrigam os mortais cidadãos.

Os bancos e os fundos são a cola do sistema ao fazer 95% de toda a movimentação financeira: transações cambiais, hedge, pagamentos, transações comerciais, investimentos. É uma ilusão imaginar que relações entre a economia real e a economia monetário-financeira são de oposição e exterioridade. São relações contraditórias, mas não opostas, inerentes à dinâmica do capitalismo em seu movimento de expansão, transformação e reprodução.

Aí estão inscritas como cláusulas pétreas a concentração e centralização do controle do capital monetário em instituições financeiras de grande porte, cada vez mais interdependentes, que submetem a seu domínio a produção e a distribuição da renda e da riqueza.

Gestão empresarial apropriada

As tendências da dinâmica capitalista reafirmam sua "natureza" como modalidade histórica cujo propósito é a acumulação de riqueza abstrata, monetária. No livro *Darkness by Design*[48], publicado recentemente, Walter Mattli[49] desvenda as relações de poder nos mercados financeiros: "Elas são centrais para explicar o funcionamento dos mercados, quer no sentido da política como meio de determinar ganhadores e perdedores, quer na acepção mais geral dos mercados como instituições essencialmente políticas, nas quais as relações de poder são fundamentais".

O capital monetário concentrado nas grandes instituições apoderou-se da gestão empresarial, impondo práticas destinadas a aumentar a participação dos ativos financeiros na composição do patrimônio, inflar o valor desses ativos e conferir maior poder aos acionistas. A lógica da valorização dos estoques de riqueza financeira passou a comandar o movimento das "economias reais".

IHU On-Line – Podemos afirmar que a Ciência Econômica tem, na atualidade, se rendido a lógicas tecnocráticas? Como compreender a ausência das perspectivas da economia política nos debates mais recentes?

Luiz Gonzaga Belluzzo – O mal é a política, lamentam os "físicos da sociedade". A política dos interesses e os interesses da política, dizem eles, se intrometem frequentemente no jogo da economia, quebrando a harmonia de interesses promovida pela ação dos indivíduos racionais. Na revista New Yorker, John Lanchester[50], autor do livro *How to Speak Money*[51], escreveu um artigo instigante a respeito das relações entre Economia e Humanismo.

Em 1974, escreve Lanchester, sete países africanos juntaram forças para combater a Cegueira dos Rios, doença tropical provocada pela picada de insetos. A Organização Mundial da Saúde supervisionou o programa, um sucesso retumbante que impediu a cegueira de milhares de africanos pobres.

48 Princeton University Press, 2019. (Nota da **IHU On-Line**)

49 **Walter Mattli**: professor de Economia Política Internacional no Departamento de Política e Relações Internacionais da Universidade de Oxford. Também foi membro sênior da sociedade de relações internacionais de Oxford. (Nota da **IHU On-Line**)

50 **John Henry Lanchester** (1962): jornalista e romancista britânico. Nasceu em Hamburgo, educado em Hong Kong e na Inglaterra; entre 1972 e 1980 na Gresham's School em Holt, Norfolk, depois no St John's College, em Oxford. (Nota da **IHU On-Line**)

51 W. W. Norton & Company, 2017. (Nota da **IHU On-Line**)

Convidados para avaliar os resultados, economistas do Banco Mundial não foram capazes de afirmar se valeu a pena o esforço coletivo. Na opinião da turma da ciência econômica, a análise de custo-benefício foi "inconclusiva". As pessoas beneficiadas eram tão pobres que preservar sua visão tem baixo impacto monetário.

No Brasil submetido ao poder dos "mercados", o desemprego não cede, a extrema pobreza avança, a mortalidade infantil progride. Os candidatos centristas e seus economistas não conseguem escapar da carceragem do ajuste fiscal que lançou o país na depressão deflagrada em 2015. A vira-latice fiscal ganhou tal força nas manifestações que os "centristas" ousam desrespeitar as recomendações do FMI. Outrora famigerado, o organismo de Bretton Woods[52], sem abandonar suas proverbiais prudências, exercita suas ousadias.

Em documento publicado em julho de 2017, o Fundo reforça a recomendação já prolatada em outras ocasiões: "a composição dos planos de consolidação em termos dos diversos instrumentos fiscais é importante. Por exemplo, um corte no investimento tem um impacto mais negativo sobre o crescimento em comparação a um corte nos gastos primários. Assim, as autoridades devem procurar preservar o investimento público para apoiar o crescimento e o emprego". O novo texto insiste nas recomendações proclamadas na edição de outubro de 2014 do World Economic Outlook.

No Brasil, debate de repetições

No debate brasileiro, os ditos especialistas dizem e repetem que os desvalidos e os mais pobres, na defesa de seus interesses, estão a atacar o orçamento. Já os sabichões, esses não, eles encarnam a racionalidade, exercida do alto de seus escritórios almofadados.

52 **Conferência de Bretton Woods**: nome com que ficou conhecida a Conferência Monetária Internacional, realizada em Bretton Woods, no estado de New Hampshire, nos EUA, em julho de 1944. Representantes de 44 países participaram da conferência. Nela foi planejada a recuperação do comércio internacional depois da Segunda Guerra Mundial e a expansão do comércio através da concessão de empréstimos e utilização de fundos. Os representantes dos países participantes concordaram em simplificar a transferência de dinheiro entre as nações, de forma a reparar os prejuízos da guerra e prevenir as depressões e o desemprego. Concordaram também em estabilizar as moedas nacionais, de forma que um país sempre soubesse o preço dos bens importados. A Conferência de Bretton Woods traçou os planos de dois organismos das Nações Unidas – o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial. O fundo ajuda a manter constantes as taxas de câmbio, além de socorrer países com crises nas suas reservas cambiais, como no caso do Brasil e da Rússia, em 1998. O banco realiza empréstimos internacionais a longo prazo e dá garantia aos empréstimos feitos através de outros bancos. (Nota da **IHU On-Line**)

Devastados pelo desemprego, pela insegurança e pela fome, indivíduos de carne e osso respondem com suas capacidades à avalanche de "fake ideas" disseminadas pelos ditos "especialistas". Há quem se disponha a atemorizar os brasileiros desgraçados com os horrores do calote da dívida ou da hiperinflação, caso a reforma da Previdência não seja aprovada.

As arengas dos especialistas se acovardam ao enfrentar os escandalosos desequilíbrios de poder e riqueza. Diante da reação dos perdedores às reformas propostas, resta aos intelectuais do establishment prosseguir na tradição de empregar palavras sem conceito e gritar "populismo!!!". Isso quando não recomendam mais sacrifícios. Como sentencia a parêmia sertaneja: "os relho é que vareia, os lombo é sempre os mesmo".

Sou tentado a mudar o registro e buscar apoio de Jean-Paul Sartre[53] e Adam Smith[54] para entender os desencontros entre, digamos, as elites bem-pensantes e o povaréu mergulhado nas trevas do populismo!!!. Na *Crítica da Razão Dialética*[55], Sartre se recusa a conceber o homem como uma coisa.

De cidadão a serviçal

A despeito das armadilhas das estruturas socioeconômicas que tentam transformar o cidadão em um serviçal da rotina, dos costumes e do conformismo, o homem da razão dialética se caracteriza pelo impulso incontido à superação de uma situação que o transformou naquilo que pretendem que ele seja. Para desapontamento dos pretensos artífices da "coisificação", mulheres e homens estão condenados à liberdade.

---

53 **Jean-Paul Sartre** (1905-1980): filósofo existencialista francês. Escreveu obras teóricas, romances, peças teatrais e contos. Seu primeiro romance foi *A náusea* (1938), e seu principal trabalho filosófico é *O ser e o nada* (1943). Sartre define o existencialismo em seu *ensaio O existencialismo é um humanismo* como a doutrina na qual, para o homem, "a existência precede a essência". Na *Crítica da razão dialética* (1964), Sartre apresenta suas teorias políticas e sociológicas. Aplicou suas teorias psicanalíticas nas biografias *Baudelaire* (1947) e *Saint Genet* (1953). *As palavras* (1963) é a primeira parte de sua autobiografia. Em 1964, foi escolhido para o prêmio Nobel de literatura, que recusou. (Nota da **IHU On-Line**).

54 **Adam Smith** (1723-1790): considerado o fundador da ciência econômica tradicional. *A Riqueza das Nações*, sua obra principal, de 1776, lançou as bases para o entendimento das relações econômicas da sociedade sob a perspectiva liberal, superando os paradigmas do mercantilismo. Sobre Adam Smith, veja a entrevista concedida pela professora Ana Maria Bianchi, da Universidade de São Paulo - USP, à **IHU On-Line** n. 133, de 21-3-2005, disponível em http://bit.ly/ihuon133, e a edição 35 dos **Cadernos IHU ideias**, de 21-7-2005, intitulada *Adam Smith: filósofo e economista*, escrita por Ana Maria Bianchi e Antônio Tiago Loureiro Araújo dos Santos, disponível em http://bit.ly/ihuid35. (Nota da **IHU On-Line**)

55 Lamparina, 2002. (Nota da **IHU On-Line**)

O iluminista e filósofo moral Adam Smith define o indivíduo a partir da liberdade exercida mediante a propensão humana natural para a troca. A motivação egoísta do intercâmbio de mercadorias, no entanto, está ancorada na simpatia mútua, na sociabilidade enraizada na inclinação benevolente para o outro.

Nas trevas da economia vulgar, dogmática que nos assola com um rosário de banalidades, a versão smithiana do indivíduo afetivo e socializado degenerou nas hipóteses "científicas" que suprimem as diferenças entre os papéis sociais dos indivíduos concretos para aprisioná-los na má abstração do homem racional ocupado em maximizar sua escala de utilidades.

Para os iluminados do Anti-Iluminismo, a história das sociedades deve culminar na adesão incondicional ao cálculo utilitarista para extirpar definitivamente os artificialismos da política. A política da Polis, essa invenção de instituições e espaços populistas, sempre empenhada em colocar empecilhos à ação racional dos indivíduos. Formas "naturais e também superiores da sociabilidade – os nexos monetários e mercantis – aparecem como as condições para se alcançar simultaneamente a Liberdade, a Igualdade e a fruição da máxima Utilidade para todos. A fórmula do mercado não só garante – diante das restrições de recursos e da tecnologia – os melhores resultados do metabolismo econômico, como também oferece o modelo ideal para as relações entre governantes e governados.

Uma "gororoba" glorificada

Apanhada às pressas de alguma interpretação da filosofia da história de Hegel[56], essa gororoba é a glória, mas também a miséria do novo pensamento das classes cosmopolitas e dominantes, que espalham a sua descoberta de Nova York a Jacarta, de Londres a Buenos Aires. Glória, porque, finalmente, foi possível arrebatar o estandarte do reformismo das mãos dos adversários que julgavam ter a sua posse definitiva. Miséria porque, sob muitas máscaras, o jogo do mercado desregulado ameaça os

56 **Georg Wilhelm Friedrich Hegel** (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, desenvolveu um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sobre Hegel, confira a edição 217 da **IHU On-Line**, de 30-4-2007, disponível em https://goo.gl/m0FJnp, intitulada *Fenomenologia do espírito, de (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Veja ainda a edição 261, de 9-6-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em https://goo.gl/D94swr; *Hegel. A tradução da história pela razão*, edição 430, disponível em https://goo.gl/62UATd e *Hegel. Lógica e Metafísica*, edição 482, disponível em https://goo.gl/lldAkv. (Nota da **IHU On-Line**)

fundamentos da ordem estabelecida, ao promover o fracionamento das sociedades, cada vez mais divididas entre os integrados e os excluídos, ao mesmo tempo em que fomenta a busca desesperada por formas de identificação "primárias", religiosas, étnicas e "tribais", mutuamente hostis e declaradamente inimigas dos valores republicanos.

IHU On-Line – Como a Economia, enquanto ciência, campo de saber, pode responder ao chamado estado de crises que se vive no Brasil e no mundo de uma forma que não se restringe à lógica financeirista?

Luiz Gonzaga Belluzzo – As teorias novo-clássicas, com expectativas racionais, levaram ao paroxismo o modelo de equilíbrio geral: afirmam que a estrutura do sistema econômico no futuro já está determinada agora. Isto porque a função de probabilidades que governou a economia no passado é a mesma distribuição de probabilidade que a governa no presente e a governará no futuro. Haveria por detrás das ações humanas estruturas naturais capazes de garantir a reprodução, quase sem atritos, das relações sociais. Tudo o que é sólido não se desmancha no ar. As teorias econômicas dominantes e suas políticas permanecem espremidas entre a mitologia do equilíbrio e os manuais de instrução das arrumadeiras de casa ou de alfaiates especializados em ajustar fatiotas. Os fâmulos da ciência econômica se entregam à farsa pseudocientífica dos modelos engalanados por matemática de segunda classe.

Thomas Sargent[57], um dos corifeus das expectativas racionais, nos oferece uma obra-prima da teologia da racionalidade dos agentes e dos mercados perfeitos e competitivos: "As pessoas dentro do modelo têm muito mais conhecimento sobre o sistema em que estão operando do que os economistas ou econometristas que estão usando o modelo para entender seu comportamento. Em particular, os econometristas enfrentam problemas de estimar a distribuição de probabilidades e as leis de movimento que são presumidas de conhecimento dos agentes. As estimativas e técnicas de inferência das expectativas racionais presumem que os agentes no modelo conheçam o que os econometristas estão estimando".

57 **Thomas "Tom" John Sargent** (1943): economista norte-americano, especialista nas áreas da macroeconomia, economia monetária e séries temporais em econometria. É tido por "um dos líderes da revolução das expectativas racionais" e é autor de muitos artigos seminais. Em conjunto com Neil Wallace, Sargent desenvolveu trabalho na área do equilíbrio das expectativas racionais. É considerado um dos mais influentes economistas do mundo. Presentemente é professor na Universidade de Nova Iorque. (Nota da **IHU On-Line**)

A matriz intelectual dessa ridicularia repousa nos fundamentos do individualismo metodológico que sustentou certezas econômicas e políticas dos últimos 40 anos. Aviadas nos gabinetes das universidades e das consultorias, essa coleção de crenças está apoiada em esquemas conceituais grotescos. A turma das expectativas racionais entregou a chamada ciência econômica às forças do pensamento mítico, em nome da despolitização e da "limpeza ideológica". A consequência dessa empreitada não foi apenas o irrealismo descuidado, mas as sucessivas e persistentes escaramuças para esconder o funcionamento concreto das economias capitalistas, um organismo em permanente transformação ao longo da história, na efetivação de suas leis de movimento.

Econofísica

São muitas as reações ao "descolamento" da teoria dominante diante do movimento concreto das economias contemporâneas. Entre tantas, é interessante observar o desenvolvimento da Econofísica que se utiliza das teorias da complexidade e da álgebra relacional para (re)colar as estruturas e os processos econômicos na avalanche de dados acumulados pela ciência da computação.

No livro *Decoding Complexity. Uncovering Patterns of Economic Complexity*[58], o físico James Glattfelder[59] escreve: "a característica dos sistemas complexos é que o Todo exibe propriedades que não podem ser deduzidas das Partes individuais. Em suma, a teoria da complexidade trata de investigar como o comportamento macro decorre da interação entre os elementos do sistema".

No movimento histórico das economias concretas estão abrigadas a irreversibilidade e a emergência do novo nas estruturas complexas, pesadelo dos economistas que dormem e sonham com modelos reversíveis e atemporais de equilíbrio geral, símiles de joguinhos de lego. Nos modelos macroeconômicos contemporâneos, sejam eles novo-clássicos ou neokeynesianos, todos inspirados pela teoria das expectativas racionais, as flutuações da economia em torno de sua trajetória de equilíbrio decorrem de "choques exógenos", como mudanças tecnológicas ou na preferência dos

58 Springer, 2012. (Nota da **IHU On-Line**)

59 **James B. Glattfelder**: físico, autointitulado cientista da complexidade, trabalha com temas como filosofia e a história da ciência, as fronteiras do conhecimento, os fundamentos da realidade, os limites da percepção e da cognição, a emergência da auto-organização e processamento de informação, inteligência coletiva, sustentabilidade, questões ambientais, defeitos do sistema financeiro e Tecnologia. (Nota da **IHU On-Line**)

consumidores; os mecanismos automáticos de ajuste operarão forte e rapidamente.

Matematicamente perfeito?

A economia tenderia automaticamente a passar de um estado de equilíbrio a outro, graças à operação das "forças naturais" do mercado. A "hipótese das expectativas racionais" fundamenta os modelos de equilíbrio geral dinâmicos e estocásticos, para reivindicar a estabilidade da economia de mercado. A "otimização" dos indivíduos racionais foi sintetizada no agente representativo que conhece a estrutura "real" da economia, bem como sua trajetória provável.

No artigo "La Preuve dans les Sciences Economiques"[60], Michel Aglietta[61] afirma que Leon Walras[62] conceituou seu modelo como "economia pura". Kenneth Arrow[63] e Gérard Debreu[64], apoiados na matemática dos espaços compactos, demonstraram a existência de equilíbrio com o teorema do ponto fixo. Nenhum deles, no entanto, deixou de reconhecer que os resultados eram normativos. "O equilíbrio geral definia um mundo econômico matematicamente perfeito. Ninguém foi capaz de mostrar os caminhos que deveriam ser seguidos para se alcançar tal equilíbrio".

60 Material disponível em http://bit.ly/2IjChXU. (Nota da **IHU On-LIne**)

61 **Michel Aglietta** (1938): economista marxista francês, atualmente professor de Economia da Universidade Paris X (Nanterre). É consultor científico do Centre d'Etudes Prospectives et d'Informations Internationales (CEPII) e foi membro do Institut Universitaire de France, de 2000 a 2005. Sua tese de doutorado, *Régulation du mode de production capitaliste dans la longue période - Prenant exemple des États-Unis* (1870-1970), apresentada à Universidade Paris I (Panthéon-Sorbonne) em 1974, lançou os fundamentos da escola da regulação. Com Robert Boyer, Aglietta é considerado um dos fundadores da escola. Aglietta é especialista em economia monetária internacional e conhecido por sua contribuição ao estudo das funções do mercado financeiro. (Nota da **IHU On-Line**)

62 **Léon Walras** (1834-1910): economista e engenheiro, fundador da Escola de Lausanne, base do neoliberalismo. Criou as teorias do equilíbrio econômico. Fundou a economia pura, refletindo sobre um modelo ideal, matematicamente determinado, estabelecendo conceitos como os de monopólio, oligopólio e concorrência perfeita. O equilíbrio geral consegue-se por meio de uma concorrência sem restrições, obtendo-se uma espécie de regresso à ordem imutável. Substituiu a noção de causa pela de função. Escreveu *Éléments d'Économie Politique Pure* (1874) e *Théorie Mathématique de la Richêsse Social* (1883). (Nota da **IHU On-Line**).

63 **Kenneth Joseph Arrow** (1921-2017): foi um economista e matemático estadunidense, conhecido sobretudo pela sua dissertação de doutoramento (no qual se baseia a sua obra *Social Choice and Individual Values*), em que demonstra o seu famoso "teorema da impossibilidade". (Nota da **IHU On-Line**)

64 **Gérard Debreu** (1921-2004): foi um economista estadunidense (naturalizado em 1974) de origem francesa. Foi laureado com o Prémio de Ciências Económicas em Memória de Alfred Nobel de 1983. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line – De que forma o senhor observa a formação das novas gerações de economistas? Qual o papel das escolas de economia na formação desses profissionais e como, de fato, têm agido na atualidade?

Luiz Gonzaga Belluzzo – Como faz meu amigo Mino Carta[65], indaguei meus botões a respeito da separação entre conhecimento e interesse. Eles resmungaram: as recomendações e análises dos economistas, prestadas em boa-fé, estão eivadas de valorações e pressupostos não revelados. Os famigerados botões foram adiante: as ostentações de rigor e cientificidade são incompatíveis com a natureza do objeto investigado. Esse, digamos, "incidente ontológico" é quase sempre ignorado pelos praticantes da "Ciência Triste".

Na segunda metade do século XIX, a economia empreendeu a peregrinação em busca do Graal da Ciência. Tratava-se de mimetizar os procedimentos da mecânica clássica. Em sua trajetória rumo ao "progresso", a economia ignorou as mudanças de paradigma promovidas pelas "rupturas" da termodinâmica, da física das partículas e da Teoria da Relatividade. Ilya Prigogine[66] e Isabelle Stengers[67] mostram que a fenomenologia descrita pela termodinâmica, pela física das partículas e pela Teoria da Relatividade "nos conduz a compreender um mundo em evolução, um mundo onde a "emergência do novo" reveste um significado irreversível... O ideal da razão suficiente supunha a possibilidade de definir a causa e o efeito, uma lei que estabelece equivalências reversíveis".

Na dita ciência econômica, essas "equivalências reversíveis" estão contempladas em todas as formulações do modelo de Equilíbrio Geral assentadas na hipótese do indivíduo racional e maximizador. A irreversibilidade não está no dicionário dos modelos Dinâmicos Estocásticos de

65 **Demetrio Carta** (1933): conhecido como Mino Carta, é um jornalista, editor, escritor e empresário ítalo-brasileiro. Mino concedeu à **IHU On-Line** a entrevista *Os limites de um Brasil contemporâneo preso ao período colonial*, disponível em http://bit.ly/2H5HFeP. (Nota da **IHU On-Line**)

66 **Ilya Prigogine** (1917-2003): cientista de origem russa, que recebeu o Prêmio Nobel de Química em 1977. Na 62ª edição, de 2-6-2003, a **IHU On-Line** dedicou-lhe a editoria Memória, disponível em http://bit.ly/ihuon62. Também foi publicado o artigo *A dimensão "narrativa" do universo*, na 64ª edição, em 16-6-2003, que pode ser acessado em http://bit.ly/ihuon64. (Nota da **IHU On-Line**)

67 **Isabelle Stengers** (1949): filósofa belga, formou-se em química na Universidade Livre de Bruxelas. Ela é autora de livros sobre Teoria do Caos, em parceria com Ilya Prigogine, o físico-químico russo-belga e Prêmio Nobel, conhecido por seu trabalho com estruturas dissipativas, sistemas complexos e irreversibilidade, especialmente "O Fim das Certezas: tempo, caos e as leis da Natureza" e "Entre o Tempo e a Eternidade". Stengers e Prigogine se inspiram no trabalho de Deleuze, tratando-o como uma fonte filosófica importante para pensar em questões relativas à irreversibilidade e o universo como um sistema aberto. (Nota da **IHU On-Line**)

Equilíbrio Geral, o último grito da sabedoria econômica. Por isso não são dinâmicos coisa nenhuma.

Fechados num só paradigma

É possível reivindicar uma complexidade ainda maior nos processos de conhecimento das ditas Ciências Sociais. Habermas[68], por exemplo, sugere que, além de estarem submetidas à confirmação empírica (ou à rejeição), as teorias da sociedade devem estar sujeitas à demonstração de que são "reflexivamente aceitáveis". A investigação deve compreender não apenas as instituições e práticas sociais, mas também incluir as convicções que os agentes têm sobre a sua própria sociedade – investigar não apenas a realidade social, mas os saberes que se debruçam sobre ela. Uma teoria social é uma teoria a respeito das convicções dos agentes sobre a sua sociedade, sendo ela mesma uma dessas convicções. Os assim chamados cientistas sociais, sobretudo os economistas, costumam descuidar dos fundamentos cognitivos implícitos em seus procedimentos.

Desde a romaria dos jovens economistas brasileiros para as universidades americanas mais afamadas, a formação oferecida os tornou incapazes de absorver outros paradigmas. Na dita Ciência Econômica, é ominoso o fenômeno da vacinação anticartesiana. Essa mezinha imuniza o pensamento humano contra o perigosíssimo vírus da dúvida metódica. Digo ominoso, porque é necessário esconder as relações de poder embutidas nas estruturas de mercado.

Assim o Estado dessa turma balança entre os extremos da liberdade total de emissão monetária, apenas submetido às restrições da capacidade produtiva instalada e os rigores da disciplina fiscal imposta pela equivalên-

68 **Jürgen Habermas** (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito, o qual encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o *logos* deve se construir pela troca de ideias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos, estabelecendo-se o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. (Nota da **IHU On-Line**)

cia ricardiana. Os fiscalistas atribuem a David Ricardo[69] a ideia da ineficácia das políticas fiscais anticíclicas: os agentes racionais, aqueles que conhecem a estrutura da economia e sua evolução provável, antecipam o aumento de impostos no futuro para cobrir o déficit incorrido agora.

Teorema da equivalência ricardiana

A incerteza que afetava as decisões empresariais no capitalismo de Keynes cede lugar à "otimização" dos indivíduos racionais que conhecem a estrutura da economia, bem como sua trajetória provável. Esse super-homem não se deixa enganar por "truques nominais" da política monetária e da política fiscal. A política econômica para reduzir o desemprego só resultaria em maiores taxas de inflação e necessidade de maiores impostos no futuro. Segundo o "teorema da equivalência ricardiana", o agente racional sabe que o déficit fiscal de hoje será corrigido "estruturalmente" por mais impostos amanhã.

A força e o sucesso dessa teoria repousam em um conjunto de pressupostos simples: os indivíduos baseiam suas decisões em expectativas racionais; os mercados são bem organizados e o sistema de preços, rígidos ou flexíveis, funciona para alocar eficientemente os recursos; as flutuações da economia em torno de sua trajetória de equilíbrio decorrem de "choques exógenos", como mudanças tecnológicas ou na preferência dos consumidores; os mecanismos automáticos de ajuste operarão forte e rapidamente; a demanda de moeda é estável, porque a função reserva de valor que suscita a demanda especulativa sumiu do mapa; por isso, os ativos financeiros e reais são altamente intercambiáveis; o consumo depende do valor descontado de todas as receitas futuras e não da receita corrente; o tropismo em direção à teoria quantitativa da moeda arquitetou a Nairu (taxa de de-

69 **David Ricardo** (1772-1823): economista inglês, considerado um dos principais representantes da economia política clássica. Exerceu uma grande influência tanto sobre os economistas neoclássicos, como sobre os economistas marxistas, o que revela sua importância para o desenvolvimento da ciência econômica. Os temas presentes em suas obras incluem a teoria do valor-trabalho, a teoria da distribuição (as relações entre o lucro e os salários), o comércio internacional, temas monetários. A sua teoria das vantagens comparativas constitui a base essencial da teoria do comércio internacional. Demonstrou que duas nações podem beneficiar-se do comércio livre, mesmo que uma nação seja menos eficiente na produção de todos os tipos de bens do que o seu parceiro comercial. Ao apresentar esta teoria, usou o comércio entre Portugal e Inglaterra como exemplo demonstrativo. O Ciclo de Estudos em EAD – Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2010, em seu segundo módulo, fala sobre *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo*. Para conferir a programação do evento, visite http://migre.me/xQsg. (Nota da **IHU On-Line**)

semprego não aceleradora da inflação), concebida para mimetizar o conceito de taxa natural de desemprego, como advertência aos perigos de estímulos "pelo lado da demanda".

A economia tenderia automaticamente ao equilíbrio a longo prazo, graças à operação das "forças naturais" do mercado. A austeridade monetária e fiscal é reivindicada como panaceia destinada a restaurar rapidamente as "condições econômicas normais". Isso significa o seguinte: uma vez desvendado o hiato do produto para definir o produto potencial, emerge a "realidade" escondida sob o véu dos valores nominais.

A pedra angular das estimativas do hiato do produto é a confiança na inflação como indicador principal dos desvios do produto potencial. Em trabalho recente do Bank of International Settlements sobre o tema, Borio, Disyatat e Juselius mostram a tautologia dos cálculos do hiato do produto: se há fortes tensões inflacionárias, a economia está sendo pressionada a crescer acima do produto potencial. Se há deflação, está crescendo abaixo.

Borio[70] constata que a verificação empírica dos modelos amparados nessa hipótese apresenta um dilema: ou os resultados não são economicamente plausíveis ou a hipótese supracitada da correlação entre inflação e desemprego é irrelevante para o cálculo do produto. Gentilmente, Borio et al. estão dizendo que o tratamento do hiato do produto está irremediavelmente comprometido com o vício da tautologia. Os resultados estão contidos nos supostos. Resta à política econômica satisfazer as expectativas dos agentes racionais, sinalizando que vai tomar as decisões necessárias para que todos acreditem na recondução da economia à trilha do "produto natural de equilíbrio". E assim estamos de volta ao Nirvana da "economia da oferta".

70 **Claudio Borio**: chefe do Departamento Monetário e Econômico do Bank for International Sttlements (Banco de Compensações Internacionais, tradução livre), organismo que visa promover estabilidade monetária e financeira global através de cooperação internacional. De 1985 a 1987, ele foi economista da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico – OCDE, trabalhando na filial de estudos de país do Departamento de Economia e Estatística. Antes disso, ele foi professor e pesquisador no Brasenose College, Universidade de Oxford. Ele possui um DPhil e um MPhil em Economia e um BA em Política, Filosofia e Economia da mesma universidade. Claudio é autor de inúmeras publicações nas áreas de política monetária, bancária, financeira e questões relacionadas à estabilidade financeira. (Nota da **IHU On-Line**)

Keynes e Maynard

John Maynard Keynes concordaria parcialmente com a Modern Monetary Theory[71]. Maynard sustenta que no âmbito da "economia como um todo" é o gasto das empresas, das famílias e do Estado que "cria" a renda.

Keynes, no entanto, concebe a organização da sociedade como uma teia de relações hierarquizadas entre proprietários capitalistas e trabalhadores. "Se a firma decide empregar trabalhadores para usar o equipamento de capital e gerar um produto, ela deve ter suficiente comando sobre o dinheiro para pagar os salários e as matérias-primas que adquire de outras firmas durante o período de produção, até o momento em que o produto seja convenientemente vendido por dinheiro".

A ideia de comando supõe não apenas a propriedade dos meios de produção, mas também o controle dos meios monetários capazes de mobilizá-los. Aqui surgem os bancos. A criação de liquidez decorre da concessão de crédito para financiar os gastos de investimento e de consumo, com a consequente acumulação de ativos e passivos nos balanços dos protagonistas já mencionados.

A inter-relação entre os balanços – ativos e passivos – dos agentes relevantes exige o exercício cuidadoso da política monetária soberana, sempre dilacerada entre o estímulo às decisões de gasto e a preservação do valor dos estoques de ativos – títulos de dívida e direitos de propriedade (ações) denominados na unidade de conta garantida pelo Estado.

Os governos não escapam das imposições dos mercados que negociam direitos sobre a renda e a riqueza. Participam emitindo títulos públicos – riqueza privada de alta qualidade, segurança e liquidez – para regular as condições do mercado monetário, sem comprometer a reprodução das relações de propriedade.

IHU On-Line – Como as disputas entre EUA e China podem nos levar a pensar sobre os limites do capitalismo ou na concepção de outro capitalismo?

71 **Modern Monetary Theory** ou Modern Money Theory (MMT): [Teoria Monetária Moderna ou Teoria do Dinheiro Moderno, em tradução livre] é uma teoria macroeconômica heterodoxa que descreve a moeda como um monopólio público para um governo e desemprego como a evidência de que um monopolista monetário está restringindo a oferta dos ativos financeiros necessários para pagar impostos e satisfazer desejos de poupança. O MMT é visto como uma evolução do chartalism e é referido às vezes como neo-chartalism. (Nota da **IHU On-Line**)

Luiz Gonzaga Belluzzo – Henry Kissinger[72], em seu livro *Sobre a China*[73], descreve o processo de aproximação entre EUA e China durante a gestão Nixon (1968-1974)[74], da qual foi assessor de Segurança Nacional, como resultado de interesses comuns em frear a "ameaça do projeto de hegemonia soviética". Narra que quando Zhou Enlai (ou Chou En -Lai)[75], premiê chinês no período, escreveu sobre o restabelecimento da amizade entre os povos chinês e americano, descreveu como uma atitude necessária para promover um novo equilíbrio internacional, não um estado final de relacionamento entre os povos.

De uma perspectiva geopolítica e geoeconômica, a inclusão da China no âmbito dos interesses americanos é o ponto de partida para a ampliação das fronteiras do capitalismo, movimento que iria culminar no colapso da União Soviética.

A relação econômica sino-americana promoveu o fluxo de investimento dos Estados Unidos para a China, a exportação de manufaturas com ganhos de escala refletidos em baixos preços da China para os EUA, o endividamento para sustentar o consumo das famílias americanas submetidas à estagnação ou queda dos rendimentos. Foi na força do dólar e na resiliência de seu mercado financeiro que a grande empresa americana sustentou a migração de suas fábricas para regiões de menor custo relativo.

---

72 **Henry Kissinger** (Henry Alfred Kissinger, 1923): nascido na Alemanha, de origem judaica, foi diplomata dos Estados Unidos e teve um papel importante na política estrangeira deste país entre 1968 e 1976. Migrou com os pais para os EUA em 1938, devido ao nazismo. Serviu na Segunda Guerra Mundial. Obteve o doutorado na Universidade de Harvard em 1954. Kissinger foi conselheiro para política internacional de todos os presidentes dos EUA de Eisenhower a Gerald Ford, sendo o secretário de Estado, conselheiro político e confidente de Richard Nixon. Em 1973 ganhou, com Le Duc Tho, o Prêmio Nobel da Paz, pelo seu papel na obtenção do acordo de cessar-fogo na Guerra do Vietnã. (Nota da **IHU On-Line**)

73 São Paulo: Objetiva, 2013. (Nota da **IHU On-Line**)

74 **Richard Milhous Nixon** (1913-1994): 37º presidente dos Estados Unidos (1969-1974) e o único presidente norte-americano a renunciar ao mandato. Ele foi também representante e senador pelo estado da Califórnia e 36º vice-presidente de seu país, durante o governo de Dwight Eisenhower. Renunciou em 9 de agosto de 1974, em virtude do escândalo Watergate, pouco antes da votação pelo Congresso da cassação de seu mandato - o impeachment. O trauma político causado pelo episódio foi grande (tanto que os americanos acabariam por escolher na eleição seguinte Jimmy Carter, um candidato religioso e apegado a valores morais). Nixon só retornaria à vida pública americana 20 anos depois do fiasco de Watergate. (Nota da **IHU On-Line**)

75 **Zhou Enlai** (1898-1976): foi o primeiro primeiro-ministro da China, atuando como chefe de governo entre outubro de 1949 e janeiro de 1976, quando veio a falecer. Foi um proeminente líder do Partido Comunista Chinês, sendo uma das figuras mais próximas do Presidente Mao Zedong e personagem crucial na ascensão e consolidação do Partido Comunista no poder. (Nota da **IHU On-Line**)

As empresas deslocaram sua produção manufatureira para as regiões em que prevalecem relações favoráveis câmbio/salários, economias de escala, absorção de tecnologia e alta produtividade do trabalho. As entradas de "investimento de portfólio" no mercado americano financiaram a saída líquida de capital produtivo. Nesse jogo da grande finança com a grande empresa, conforma-se uma mancha manufatureira que pulsa em torno da China.

Avaliado pela Paridade do Poder de Compra, o PIB da China em 2018 chegou a mais de 23,313 trilhões de dólares contra 19,495 trilhões dos Estados Unidos e 3,3 trilhões do Brasil. A Paridade do Poder de Compra busca medir o valor da produção dos países em um dólar "comum", levando em conta os preços internos de cada país.

Dimensão da transformação

O livro *China versus West*[76] de Ivan Tselichtchev dá a dimensão da transformação ocorrida. Nos anos 1980 a economia chinesa detinha os mesmos 1% do Brasil de participação no comércio mundial; em 2010 sua participação saltou para 10,4%, contra 8,4% dos EUA, 8,3% da Alemanha. Durante a primeira década do novo milênio a taxa de crescimento média anual da economia chinesa foi de 10,5%, contra 1,7% dos EUA e 0,9% da Alemanha. Ao final da década a China respondia por 42% da produção mundial de televisores a cores, 67% dos produtos de vídeo, 53% dos telefones móveis, 97% dos PCs e 62% das câmeras digitais.

Os chineses usam das políticas industriais, de normas destinadas a favorecer as empresas nacionais em detrimento das estrangeiras. Apoiam abertamente a concentração e fusão, usando as grandes estatais como núcleos destinados a coordenar este processo de constituição de conglomerados, que, no futuro próximo, devem emular os keiretsu japoneses[77] ou os chaebols da Coreia do Sul[78].

76 Wiley, 2011. (Nota da **IHU On-Line**)

77 Keiretsu é um termo japonês que descreve a estrutura atual de grandes empresas no Japão, que muitas vezes resulta em um grupo de empresas que assumem participações de capital e, às vezes, colaboram e compartilham projetos. (Nota da **IHU On-Line**)

78 Chaebol é o termo coreano que define um conglomerado de empresas em torno de uma empresa-mãe, normalmente controladas por famílias, tais como Samsung, Hyundai e LG. (Nota da **IHU On-Line**)

A estratégia da China combina, até agora com sucesso, a atração do investimento direto estrangeiro em parceria com as empresas locais, privadas e públicas, a absorção de tecnologia e a fixação de metas de exportação e de geração de saldos positivos na balança comercial.

Desafios da integração econômica

Integrar a economia significa conquistar mercados, ampliar o superávit comercial e manter rigoroso controle sobre o movimento de capitais. A determinação da taxa de câmbio não pode ser deixada aos mercados, mas é um instrumento de competitividade. Isto, obviamente, é motivo de escândalo para os economistas liberais.

É impossível resistir à constatação de que a China enfrenta os desafios da globalização com concepções e objetivos que desmentem a propalada perda de importância das políticas nacionais e internacionais de industrialização e desenvolvimento. Em 2013, o presidente Xi Jinping[79] lançou o projeto a Nova Rota da Seda[80], um programa de longo prazo para promover investimentos e conexões com todas as regiões do mundo. A Belt and Road Initiative busca não só aprofundar as relações da China com seus vizinhos asiáticos, mas, sobretudo, visa à disputa da hegemonia da Nova Ordem Mundial, construída a partir de sua espetacular expansão.

79 **Xi Jinping** (1953): nascido em Pequim, atual presidente da República Popular da China e secretário-geral do Partido Comunista da China. Tem doutorado em Engenharia Química e Ciência Política. É atualmente o principal membro do Secretariado do Partido Comunista Chinês, o presidente da China, o diretor da Escola Central do Partido e o mais importante membro do Comitê Permanente do Politburo, que é o órgão que controla o país. Filho do político comunista Xi Zhongxun, Xi Jinping começou sua carreira política na província de Fujian e foi posteriormente escolhido como chefe do partido na província vizinha de Zhejiang, depois promovido a chefe do partido de Xangai após a demissão de Chen Liangyu. Conhecido por suas posturas liberais, duro combate à corrupção e uma franqueza e abertura quanto a reformas políticas e econômicas, é o destacado líder emergente da quinta geração de líderes da República Popular da China. Assumiu o cargo de presidente da China no dia 15 de março de 2013, sucedendo Hu Jintao. Foi nomeado como uma das pessoas mais influentes do mundo em 2009, 2011 e 2012 pela revista Time. Em 2017, foi eleito pelo The Economist o homem mais poderoso do mundo. Em 2018, o parlamento chinês aprovou o mandato vitalício a Xi Jinping. (Nota da **IHU On-Line**)

80 **Nova Rota da Seda**: no dia 14 maio de 2017, o presidente da China, Xi Jinping, discursou no Fórum de abertura sobre a "Nova Rota da Seda", por meio do qual anunciou o investimento de 70 bilhões de dólares no projeto. A ideia é reeditar a antiga rota formada ainda no Mundo Antigo, que interligavam rotas comerciais através da Ásia do Sul, usadas no comércio da seda entre o Oriente e a Europa. (Nota da **IHU On-Line**)

Em discurso de abertura do 19º Congresso do Partido Comunista da China[81], o presidente Xi Jinping discorreu a respeito da economia de mercado com características chinesas. A formulação estratégica é do Partido Comunista da China povoado de 80 milhões de membros. O sistema de consultas da base para a cúpula e vice-versa é marcado por várias instâncias de avaliação e decisão. Uma vez tomada a decisão, as burocracias de Estado, os gestores das empresas estatais, os governos provinciais, o People's Bank of China, todos cuidam de implementar as diretrizes. Obedecem às máximas de Deng Xiao Ping: "não importa a cor do gato, se o bicho caça ratos" ou "atravessar o rio das reformas saltando as pedras". Devagar e sempre é o lema da economia à moda chinesa.

O presidente XI Jinping anunciou as políticas de "ampliação do papel do mercado" e de reforço às empresas estatais. O propósito é alentar o empreendedorismo e a inovação. Em sua edição de 22 de julho de 2017, a revista The Economist publicou um artigo com o título de "Seleção Antinatural. " A matéria trata do "modo chinês" de articulação entre o público e o privado. A revista lamenta o programa em curso de fusões das empresas estatais (SOEs): "a agência do governo organizou a fusão de portos, ferrovias, produtores de equipamentos e empresas de navegação... Essas ações parecem destinadas a promover campeões nacionais".

Simbiose entre o Estado e o privado

O desenvolvimento econômico chinês é um caso explícito de simbiose entre o Estado e a iniciativa privada. Desde os anos 1980, e sobretudo a partir dos anos 1990, há uma clara relação entre um Estado que rege um amplo processo de regulação do investimento.

O Estado planeja, financia em condições adequadas, produz insumos básicos com preços baixíssimos e exerce invejável poder de compra. Na coordenação entre o Estado e o setor privado está incluída a "destruição criativa" da capacidade excedente e obsoleta mediante reorganizações e consolidações empresariais, com o propósito de incrementar a "produtividade" do capital. A iniciativa privada dá vazão a uma voraz sede

81 **Partido Comunista da China:** é o partido que governa a China desde 1948. O partido foi fundado em julho de 1921 em Xangai. O PC da China passou por momentos de dificuldades. Seus primeiros passos foram orientados pelo Komintern (Internacional Comunista sediada em Moscou que orientava os Partidos Comunistas do mundo inteiro). No final da Segunda Guerra Mundial o PC da China derrotou o KMT. Mao Tse Tung implantou a sua interpretação ortodoxa do marxismo-leninismo, durante as quase 3 décadas em que esteve no poder. Empreendeu a chamada "Revolução Cultural", com que tentou laicizar todo o estado e população chinesa. Hoje o Partido Comunista da China é composto de mais de 87 milhões de militantes. (Nota da **IHU On-Line**)

de acumulação de capital através de investimentos em ativos tecnológicos, produtivos e comerciais.

Não há espaço para o rentista, devidamente desestimulado a canalizar sua sede de lucros para investimentos socialmente estéreis. Na China o *rentier* não precisa de eutanásia. Títulos públicos têm remuneração discreta. Os mercados de capitais são regulados para evitar supervalorizações (e superdepreciações) de ativos. O controle do fluxo de capitais especulativos garante a independência da política monetária e a estabilidade do yuan. As verdadeiras oportunidades de lucros extraordinários estão nos investimentos que geram inovações, que adensam a cadeia produtiva, que criam empregos. Não há espaço para investimentos socialmente estéreis.

Na edição de sexta-feira, 11 de maio de 2018, o jornal Valor Econômico publicou um artigo do economista de Harvard, Dani Rodrik[82]. Instigante para as dúvidas de uns, contestador às certezas de outros, o texto avalia o conflito comercial Estados Unidos-China. Sabem todos e mais alguns, que o conflito foi deflagrado pelo idiossincrático neoprotecionismo de Donald Trump.

Deixemos Trump entregue a seus *twiters* e vamos acompanhar Rodrik em suas meditações sobre a China. Diz ele: "O sucesso fenomenal da globalização da China se deve tanto às políticas industriais não ortodoxas e criativas quanto à liberalização econômica do regime. A proteção seletiva, os subsídios ao crédito, as empresas estatais, as normas de conteúdo nacional e os requisitos de transferência de tecnologia tiveram um papel em transformar a China na potência industrial que é."

Dani Rodrik prossegue em suas elucubrações: "A atual estratégia da China, a "Made in China 2025", pretende ampliar essas conquistas a fim de catapultar o país para o status de economia avançada. A China participa da globalização com o que poderíamos chamar de regras de Bretton Woods, pelos ditames do regime muito mais permissivo que regulou a economia mundial no início do período do pós-guerra. Como me explicou uma autoridade chinesa, a estratégia é abrir a janela, mas instalar uma tela sobre ela. A China recebe ar fresco (investimento externo e tecnologia) ao mesmo tempo em que mantém os elementos prejudiciais (fluxos de capital voláteis e importações instabilizadoras) do lado de fora".

A China apostou no controle de capitais para administrar uma taxa câmbio real competitiva, sustentou a dominância dos bancos estatais na

82 **Dani Rodrik** (1957): economista e professor universitário turco. Nascido em Istambul, formou-se no Robert College de sua cidade natal. É professor no Rafiq Hariri de Política Econômica Internacional na Escola de Governo John F. Kennedy da Universidade de Harvard, onde leciona no programa de Master de Administração Pública (MPA). De acordo com o IDEAS/RePEc, Rodrik é considerado um dos 100 economistas mais influentes do mundo. (Nota da **IHU On-Line**)

oferta de crédito, manteve os juros baixos para "carregar" as reservas trilionárias e empreender um gigantesco programa de investimento em infraestrutura, incentivando a absorção de tecnologia, com excepcionais ganhos de escala e de escopo.

IHU On-Line – Qual sua leitura quanto à política econômica que vem sendo empregada pelo governo de Jair Bolsonaro?

Luiz Gonzaga Belluzzo – No seminário A Nova Economia Liberal patrocinado pela Fundação Getulio Vargas no Rio de Janeiro, o liberalismo da Escola de Chicago prometeu vestir fatiota nova em carcaça velha. Entre esgares de sapiência e olhos esbugalhados, Guedes repetiu as promessas de limpar a área dos pênaltis roubados pelo time do Estado intervencionista e ineficiente em prejuízo do mercado lépido e criativo. A limpeza começa com a reforma da Previdência e a desvinculação das despesas orçamentárias, continua nas privatizações radicais e avança para a abertura comercial unilateral da economia.

Propósitos tão louváveis quanto a consigna Deus Acima de Tudo: a reforma da Previdência e a desvinculação das despesas ensejariam o equilíbrio fiscal a longo prazo, a grana das privatizações seria utilizada para reduzir a dívida pública e a abertura comercial da economia favoreceria a competitividade das empresas brasileiras submetidas aos confortos do protecionismo.

O economista austríaco Friedrich Hayek, ilustre libertário, escreveu em 1973 o artigo "Economic Freedom and Representative Government": "Há um conflito irreconciliável entre democracia e capitalismo – não se trata da democracia como tal, mas de determinadas formas de organização democrática... Agora, tornou-se indiscutível que os poderes da maioria são ilimitados e que governos com poderes ilimitados devem servir às maiorias e aos interesses especiais de grupos econômicos".

O economista português Francisco Louçã[83] lembra: Friedrich Hayek escreveu em 1962 uma carta ao ditador Salazar[84], explicando a motiva-

83 **Francisco Anacleto Louçã** (1956): economista e político português. Foi coordenador do Bloco de Esquerda de 2005 a 11 de novembro de 2012, tendo sido sucedido no cargo por Catarina Martins e João Semedo. (Nota da **IHU On-Line**)

84 **António de Oliveira Salazar**, Oliveira Salazar ou simplesmente Salazar (1889-1970): foi um ditador nacionalista português que, além de chefiar diversos ministérios, foi presidente do Conselho de Ministros e professor catedrático de Economia Política, Ciência das Finanças e Economia Social da Universidade de Coimbra. Doutor Honoris causa, em 1940, pela Universidade de Oxford. Figura de destaque e promotor do Estado Novo (1933-1974) e da sua organização política, a União Nacional, Salazar dirigiu os destinos de Portugal como presidente do Ministério de forma ditatorial entre 1932 e 1933 e como Presidente do Conselho de Ministros entre 1933 e 1968. Os autoritarismos e nacionalismos que surgiam na Europa foram uma fonte de inspiração para Salazar em duas frentes complementares: a da propaganda e a da repressão. (Nota da **IHU On-Line**)

ção para o envio do seu livro *The Constitution of Liberty*, que o devia ajudar "na tarefa de desenhar uma Constituição que previna os abusos da democracia".

Louçã ainda registra: tendo visitado o Chile quando a ditadura estava bem estabelecida – e os seus desmandos estavam demonstrados e eram públicos e notórios –, Hayek expressou a sua adesão à nova ordem numa entrevista ao principal jornal do regime, o El Mercurio, em 19 de abril de 1981. Nela declarava sem ambiguidades que "a democracia precisa de uma boa limpeza por um governo forte". Uma boa limpeza. As palavras foram cuidadosamente escolhidas: "Como compreenderão, é possível a um ditador governar de modo liberal. E também é possível a uma democracia governar com total falta de liberalismo. Pessoalmente, eu prefiro um ditador liberal a um governo democrático a que falte liberalismo".

A ânsia para liberação das "forças criativas"

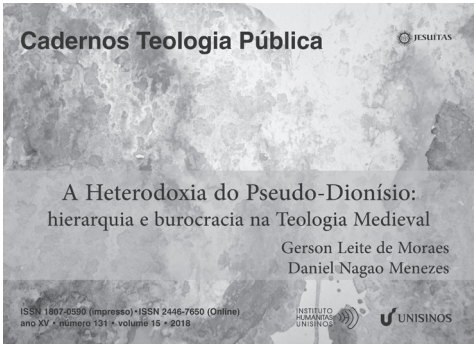
O importante nessa concepção é a ênfase na capacidade do mercado livre de empecilhos de mobilizar e fluidificar os recursos individuais. O corpo de propostas "reformistas" rotuladas de liberais ou neoliberais está comprometido com a ideia de que é preciso liberar as forças criativas do mercado. Na esteira do apoio decisivo do Estado, as corporações globais passaram a adotar padrões de governança agressivamente amparadas nos procedimentos da concorrência monopolista. As empresas subordinaram seu desempenho econômico à "criação de valor" na esfera financeira, repercutindo a ampliação dos poderes dos acionistas.

As estratégias de localização da corporação globalizada e a revolução tecnológica promoveram transtorno nas vidas das Comunidades. Isso aconteceu no mesmo período em que as novas formas financeiras contribuíram para aumentar o poder das grandes corporações em suas relações com os empregados e terceirizados. As fusões e aquisições suscitaram um maior controle dos mercados e promoveram campanhas contra os direitos sociais e econômicos, considerados um obstáculo à operação das leis de concorrência. A abertura dos mercados e o acirramento da concorrência coexistiram com a tendência ao monopólio e, assim, impediram que os cidadãos, no exercício da política democrática, exercitassem o direito de decidir sobre a própria vida.

Publicações do Instituto Humanitas Unisinos

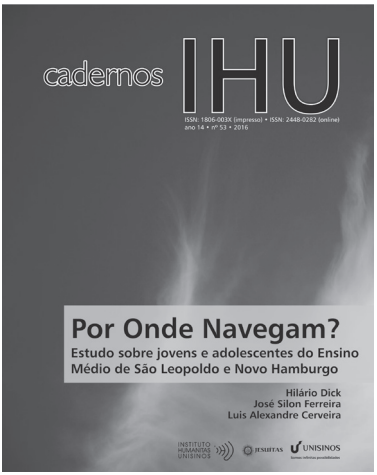
Nº 48 – *Mineração e o impulso à desigualdade: impactos ambientais e sociais*

Cadernos IHU em formação é uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que reúne entrevistas e artigos sobre o mesmo tema, já divulgados na revista ***IHU On-Line*** e nos Cadernos IHU ideias. Desse modo, queremos facilitar a discussão na academia e fora dela, sobre temas considerados de fronteira, relacionados com a ética, o trabalho, a teologia pública, a filosofia, a política, a economia, a literatura, os movimentos sociais etc., que caracterizam o Instituto Humanitas Unisinos – IHU.



Nº 131 – *A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval* – Gerson Leite de Moraes e Daniel Nagao Menezes

A publicação dos Cadernos Teologia Pública, sob a responsabilidade do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, quer ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A Teologia Pública busca articular a reflexão teológica em diálogo com as ciências, as culturas e as religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Procura-se, assim, a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade hoje, especialmente a exclusão socioeconômica de imensas camadas da população, constituem o horizonte da teologia pública. Os Cadernos Teologia Pública se inscrevem nesta perspectiva.



Nº 53 – *Por Onde Navegam? Estudo sobre jovens e adolescentes do Ensino Médio de São Leopoldo e Novo Hamburgo* – Hilário Dick, José Silon Ferreira & Luis Alexandre Cerveira

Os Cadernos IHU divulgam pesquisas produzidas por professores/pesquisadores e por alunos dos cursos de Pós-Graduação, bem como trabalhos de conclusão de acadêmicos dos cursos de Graduação. Os artigos publicados abordam os temas ética, trabalho e teologia pública, que correspondem aos eixos do Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

Nº 268 – *A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente* – Osiel Lourenço de Carvalho

Os Cadernos IHU ideias apresentam artigos produzidos pelos convidados-palestrantes dos eventos promovidos pelo IHU. A diversidade dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é um dado a ser destacado nesta publicação, além de seu caráter científico e de agradável leitura.

CADERNOS IHU IDEIAS

N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – José Nedel
N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Sonia Montaño
N. 04 *Emani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Luiz Gilberto Kronbauer
N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Manfred Zeuch
N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Renato Janine Ribeiro
N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identiários na TV* – Suzana Kilpp
N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Márcia Lopes Duarte
N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Valério Cruz Brittos
N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Édison Luis Gastaldo
N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Márcia Tiburi
N. 12 *A domesticação do exótico* – Paula Caleffi
N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Edla Eggert
N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Gunter Axt
N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Stela Nazareth Meneghel
N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Débora Krischke Leitão
N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Mário Maestri
N. 18 *Um itinenário do pensamento de Edgar Morin* – Maria da Conceição de Almeida
N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Oswaldo Giacóia Junior
N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Lucilda Selli
N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Paulo Henrique Dionísio
N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Valério Rohden
N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Miriam Rossini
N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Nísia Martins do Rosário
N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – Rosa Maria Serra Bavaresco
N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Beatriz Alcaraz Marocco
N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Paulo Edison Belo Reyes
N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – José Fernando Dresch Kronbauer
N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Juremir Machado da Silva
N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – André Gorz
N. 32 *À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades* – André Sidnei Musskopf
N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Marcelo Pizarro Noronha
N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Marco Aurélio Santana
N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Airton Luiz Jungblut
N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Fernando Ferrari Filho
N. 38 *Rosa Egipciaca: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Luiz Mott
N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Gentil Corazza
N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – Adriana Braga
N. 41 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Leda Maria Paulani
N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de "A Teoria da Classe Ociosa"* – Leonardo Monteiro Monasterio
N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Gérard Donnadieu
N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Lothar Schäfer
N. 46 *"Esta terra tem dono". Disputas de representação sobre o passado missioneiro no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Ceres Karam Brum
N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Achyles Barcelos da Costa
N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Gérard Donnadieu
N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Geraldo Monteiro Sigaud
N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Evilázio Teixeira
N. 51 *Violências: O olhar da saúde coletiva* – Élida Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
N. 52 *Ética e emoções morais* – Thomas Kesselring
Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
N. 53 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Fernando Haas
N. 54 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – An Vranckx
N. 55 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Gilberto Dupas
N. 56 *O decrescimento como condição de uma sociedade convivial* – Serge Latouche
N. 57 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Günter Küppers
N. 58 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Hazel Henderson
N. 59 *Globalização – mas como?* – Karen Gloy
N. 60 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – Cesar Sanson
N. 61 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo* – Regina Zilberman
N. 62 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
N. 63 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Andressa da Silva
N. 64 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Artur Cesar Isaia
N. 65 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Léa Freitas Perez
N. 66 *Adoecer:* Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
N. 67 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – João Guilherme Barone
N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Fernando Haas
N. 69 *A cosmologia de Newton* – Ney Lemke
N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Fernando Haas
N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Miriam de Souza Rossini

N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Léa Freitas Perez
N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Eduardo F. Coutinho
N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Mário Maestri
N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Carlos Henrique Nowatzki
N. 76 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Ana Maria Lugão Rios
N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Gilberto Dupas
N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Octavio A. C. Conceição
N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Moacyr Flores
N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Arno Alvarez Kern
N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Gláucia de Souza
N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão* – Marco Aurélio Santana
N. 83 *Dimensões normativas da Bioética* – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Attico Chassot
N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Patrícia Almeida Ashley
N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Mario Fleig
N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Maria Eunice Maciel
N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Marcelo Perine
N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Laurício Neumann
N. 90 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Maria Cristina Bohn Martins
N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Franklin Leopoldo e Silva
N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Carlos Alberto Steil
N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – Cesar Sanson
N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência* – Peter A. Schulz
N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – Enildo de Moura Carvalho
N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Marinês Andrea Kunz
N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – Susana Maria Rocca Larrosa
N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Vanessa Andrade Pereira
N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Valerio Rohden
N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Roberto Camps Moraes
N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – Adriano Premebida
N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Eliane Schlemmer
N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Roberto Camps Moraes
N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Marcelo Pizarro Noronha
N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Paula Corrêa Henning
N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Maria Isabel Barros Bellini
N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático?* – Telmo Adams
N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Celso Candido de Azambuja
N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Leandro R. Pinheiro
N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul* – Mário Maestri
N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhesi
N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – Sonia Montaño
N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Carlos Daniel Baioto
N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
N. 126 *Câmara Cascudo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstoi* – Thomas Mann – Alexander Soljenítsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
N. 131 *A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann* – Leonardo Grison
N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke e Luciano Hennemann
N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstroem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins
N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borba da Silva
N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta
N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greyce Vargas
N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus

N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schutz
N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
N. 151 *As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois"* – Claudia Wasserman
N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'yikue no município de Caarapó-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
N. 158 *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
N. 159 *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
N. 160 *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
N. 161 *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brayner de Farias
N. 162 *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
N. 163 *Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva
N. 164 *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?* – Serge Latouche
N. 165 *Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre* – Carla Simone Rodeghero
N. 166 *Convivialidade e decrescimento* – Serge Latouche
N. 167 *O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga* – Marcelo Henrique Santos Toledo
N. 168 *O decrescimento e o sagrado* – Serge Latouche
N. 169 *A busca de um ethos planetário* – Leonardo Boff
N. 170 *O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo* – Marco Antonio de Abreu Scapini
N. 171 Sub specie aeternitatis – *O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes* – Gerson Egas Severo
N. 172 *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais* – Bruno Pucci
N. 173 *Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral* – João Roberto Barros II
N. 174 *Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas* – Marcelo Fabri
N. 175 *Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes* – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
N. 176 *Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas* – Jelson Roberto de Oliveira
N. 177 *Um caminho de educação para a paz segundo Locke* – Odair Camati e Paulo César Nodari
N. 178 *Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos* – Lenio Luiz Streck
N. 179 *Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau* – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
N. 180 *Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização* – Afonso Maria das Chagas
N. 181 *Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade* – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
N. 182 *Censo 2010 e religiões:reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro* – José Rogério Lopes
N. 183 *A Europa e a ideia de uma economia civil* – Stefano Zamagni
N. 184 *Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como "discurso-limite")* – Augusto Jobim do Amaral
N. 185 *A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade* – Stefano Zamagni
N. 186 *A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados* – Joseane Mariéle Schuck Pinto
N. 187 *Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil* – Marcelo F. de Aquino
N. 188 *Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção* – Luis David Castiel
N. 189 *Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero* – Marlene Tamanini
N. 190 *Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito* – Claudia Fonseca
N. 191 *#VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras* – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
N. 192 *A ciência em ação de Bruno Latour* – Leticia de Luna Freire
N. 193 *Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica* – Rodrigo Ciconet Dornelles
N. 194 *A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade* – Heloisa Helena Barboza
N. 195 *Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica* – Pedro Henrique de Morais Campetti e Tiago Wickstrom Alves
N. 196 *A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientifico* – Adolfo Nicolás
N. 197 *Brasil: verso e reverso constitucional* – Fábio Konder Comparato
N. 198 *Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva* – Jorge Claudio Ribeiro
N. 199 *Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI* – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari
N. 200 *Aspectos do direito de resistir e a luta socialpor moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia* – Natalia Martinuzzi Castilho
N. 201 *Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética* – Jordi Maiso
N. 202 *Fim da Política, do Estado e da cidadania?* – Roberto Romano
N. 203 *Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania* – Maria da Glória Gohn
N. 204 *As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend* – Miguel Ângelo Flach
N. 205 *Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro* – Fábio Konder Comparato
N. 206 *Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual* – Karla Saraiva
N. 207 *Territórios da Paz: Territórios Produtivos?* – Giuseppe Cocco
N. 208 *Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro* – Roberta Camineiro Baggio
N. 209 *As possibilidades da Revolução em Ellul* – Jorge Barrientos-Parra
N. 210 *A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben* – Márcia Rosane Junges
N. 211 *Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo* – Sandra Caponi

N. 212 *Verdade e História: arqueologia de uma relação* – José D'Assunção Barros
N. 213 *A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ* – José Odelso Schneider
N. 214 *Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze* – Sandro Chignola
N. 215 *Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação* – Alejandro Rosillo Martínez
N. 216 *A realidade complexa da tecnologia* – Alberto Cupani
N. 217 *A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend* – Hans Georg Flickinger
N. 218 *O ser humano na idade da técnica* – Humberto Galimberti
N. 219 *A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre* – Halina Macedo Leal
N. 220 *O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil* – José Eduardo Franco
N. 221 *Neurofuturos para sociedades de controle* – Timothy Lenoir
N. 222 *O poder judiciário no Brasil* – Fábio Konder Comparato
N. 223 *Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão* – Jesús Conill Sancho
N. 224 *O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867)* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
N. 225 *O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais* – Xavier Albó
N. 226 *Justiça e perdão* – Xabier Etxeberria Mauleon
N. 227 *Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor)* – Martín Almada
N. 228 *A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo* – Sandro Chignola
N. 229 *Um olhar biopolítico sobre a bioética* – Anna Quintanas Feixas
N. 230 *Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil* – Gustavo da Silva Kern
N. 231 *Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida* – Jesús Conill Sancho
N. 232 *Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul* – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
N. 233 *Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança* – Elsa Cristine Bevian
N. 234 *O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira* – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
N. 235 *Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945)* – Mozart Linhares da Silva
N. 236 *Economias Biopolíticas da Dívida* – Michael A. Peters
N. 237 *Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação* – Halina Macedo Leal
N. 238 *O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global?* – Leandro Inácio Walter
N. 239 *Brasil: A dialética da dissimulação* – Fábio Konder Comparato
N. 240 *O irrepresentável* – Homero Santiago
N. 241 *O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno* – Castor Bartolomé Ruiz
N. 242 *Uma crise de sentido, ou seja, de direção* – Stefano Zamagni
N. 243 *Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão* – Dirce Koga
N. 244 *A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal* – Alexandre Filordi de Carvalho
N. 245 *Esquecer o neoliberalismo: aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo* – Moysés da Fontoura Pinto Neto
N. 246 *O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo* – Andrea Fumagalli
N. 247 *Educação, individuo e biopolítica: A crise do governamento* – Dora Lilia Marín-Díaz
N. 248 *Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia* – Roberto Romano
N. 249 *Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980)* – Iraneidson Santos Costa
N. 250 *A Liberdade Vigiada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet* – Pedro Antonio Dourado de Rezende
N. 251 *Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira* – Francini Lube Guizardi
N. 252 *A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade* – Carlos Frederico Guazzelli
N. 253 *Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades?* – Vinícius Nicastro Honesko
N. 254 *Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva* – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
N. 255 *Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles* – Marcelo Castañeda
N. 256 *Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira* – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
N. 257 *Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização* – Altair Sales Barbosa
N. 258 *O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder* – Rodrigo Karmy Bolton
N. 259 *Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical?* – Moysés Pinto Neto
N. 260 *Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre?* – Leandro Rogério Pinheiro
N. 261 *Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo* – Henrique Costa
N. 262 *As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife* – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
N. 263 *Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira* – Sauro Bellezza
N. 264 *Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS)* – Stela N. Meneghel
N. 265 *Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum* – Armando de Melo Lisboa
N. 266 *Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos* – Aline Albuquerque
N. 267 *O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil* – Giuseppe Tosi
N. 268 *Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia?* – Alana Moraes de Souza
N. 269 *A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente* – Osiel Lourenço de Carvalho
N. 270 *O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna* – Viviane Zarembski Braga
N. 271 *O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza* – Flavio Williges
N. 272 *Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana* – Rafael Lopez Villasenor
N. 273 *Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira* – Celso Gabatz
N. 274 *Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo* – Acauam Oliveira
N. 275 *Tendências econômicas do mundo contemporâneo* – Alessandra Smerilli
N. 276 *Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord* – Atilio Machado Peppe
N. 277 *O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social* – José Roque Junges
N. 278 *Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo* – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
N. 279 *O mal-estar na cultura medicamentalizada* – Luis David Castiel
N. 280 *Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia* – Alain Gignac
N. 281 *A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual* – Mário José Maestri Filho
N. 282 *A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo* – Angela Ganem
N. 283 *Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome* – Armando de Melo Lisboa
N. 284 *Renda básica em tempos difíceis* – Josué Pereira da Silva
N. 285 *Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras* – Ricardo de Jesus Machado

Luiz Gonzaga Belluzzo. É graduado em Direito pela Universidade de São Paulo - USP, mestre em Economia Industrial pelo Instituto Latino-Americano e Caribenho de Planejamento Econômico e Social – Ilpes/Cepal e doutor em Economia pela Universidade de Campinas - Unicamp. Foi secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda. É um dos fundadores da Faculdades de Campinas - Facamp, onde é professor. Publicou recentemente Manda quem pode, obedece quem tem prejuízo (São Paulo: Facamp-Editora Contracorrente, 2017). Também é autor de Capital e suas metamorfoses (São Paulo: Unesp, 2013), Os antecedentes da tormenta: origens da crise global (Campinas: Facamp, 2009), Temporalidade da Riqueza - Teoria da Dinâmica e Financeirização do Capitalismo (Campinas: Oficinas Gráficas da Unicamp, 2000), entre outras obras.

Algumas obras do autor

BELLUZZO, L. G. M.; GALIPOLO, G. **Manda quem pode, obedece quem tem prejuízo.** 1. ed. São Paulo: ContraCorrente, 2017.

BELLUZZO, L. G. M.; MAZZUCCHELLI, F. M. ; REGO, J. M. **O tempo de Keynes nos tempos do capitalismo.** 1. ed. são Paulo: ContraCorrente, 2016.

BELLUZZO, L. G. M. **O Capital e Suas Metamorfoses**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2013. 188p.

Outras publicações

BELLUZZO, L. G. O mercado sonha e o povo vive o desemprego e a queda de salário. Artigo publicado por **Revista IHU On-Line**, em 29 de maio de 2019. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/589592

_____. Stiglitz e Rodrik denunciam os limites da economia dominante. Artigo publicado por **Revista IHU On-Line**, em 13 de maio de 2019. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/589084

_____. Bolsonaro está espremido entre mercado, caminhoneiros e agronegócio. Artigo publicado por **Revista IHU On-Line**, em 24 de abril de 2019. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/588577

_____. As injustiças do trabalho. Artigo publicado por **Revista IHU On-Line**, em 24 de janeiro de 2019. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/586286

_____. O globalismo e a ilusão de que não compartilhamos a mesma realidade. Artigo publicado por **Revista IHU On-Line**, em 16 de janeiro de 2019. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/586101

_____. "O Ajuste fiscal foi um erro diagnóstico". Entrevista publicada por **Revista IHU On-Line**, em 03 de setembro de 2015. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/noticias/546407

_____. Keynesianismo de perna curta. Artigo publicado por **Revista IHU On-Line**, em 29 de agosto de 2018. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/582237

UNISINOS